

Guerra do Paraguai: múltiplos enfoques

FRANCISCO DAS NEVES ALVES (ORG)
JUSSEMAR WEISS GONÇALVES
LUIZ HENRIQUE TORRES
MARCELO FRANÇA DE OLIVEIRA (ORG)
RETO MONICO



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.ubd.pt
Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



Guerra do Paraguai: múltiplos enfoques



- 46 -



CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

José Eduardo Franco

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

Maria Cristina Firmino Santos

- Universidade de Évora -

Vania Pinheiro Chaves

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves (org.)
Jussemar Weiss Gonçalves
Luiz Henrique Torres
Marcelo França de Oliveira (org.)
Reto Monico

Guerra do Paraguai: múltiplos enfoques



Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande
2021

DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO

DIREÇÃO:

José Eduardo Franco (Coord)
Carla Oliveira
Cécile Méadel
Fabrice d'Almeida
João Luís Cardoso
José Ignacio Ruiz Rodríguez
Valérie Dévillard
Pierre-Antoine Fabre

COMISSÃO PEDAGÓGICA:

João Relvão Caetano (Coord.)
Darlinda Moreira
Jeffrey Scoot Childs
Rosa Sequeira
Sandra Caeiro

ASSESSORIA EXECUTIVA:

Cristiana Lucas (Coord.)
José Bernardino
Milene Alves
Paula Carreira
Susana Alves-Jesus

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves

Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil

Diretor de Acervo: Mauro Nicola Póvoas

1º Secretário: Luiz Henrique Torres

2º Secretário: Ronaldo Oliveira Gerundo

Tesoureiro: Valdir Barroco

Ficha Técnica

- Título: Guerra do Paraguai: múltiplos enfoques
- Organizadores: Francisco das Neves Alves e Marcelo França de Oliveira
- Autores: Francisco das Neves Alves; Jussemar Weiss Gonçalves; Luiz Henrique Torres; Marcelo França de Oliveira e Reto Monico
- Coleção Rio-Grandense, 46
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Outubro de 2021

ISBN – 978-65-89557-37-1

CAPA: Batalha de S. Borja (*L'Illustration*, 14 de outubro)

SUMÁRIO

A Guerra do Paraguai na perspectiva de um historiador sul-rio-grandense: a obra <i>A invasão paraguaia no Brasil</i> de Walter Spalding e suas repercussões junto à imprensa.....	11
Francisco das Neves Alves	
Augusto Roa Bastos e a Guerra do Paraguai.....	35
Jussemar Weiss Gonçalves	
Os balões na Guerra do Paraguai: iconografias....	49
Luiz Henrique Torres	
O Conde D'Eu visita Porto Alegre: considerações sobre sua passagem pela capital sul-rio-grandense no início da Guerra do Paraguai (1865).....	69
Marcelo França de Oliveira	
Olhares francófonos sobre a ofensiva de Solano López (dezembro 1864- agosto 1865).....	83
Reto Monico	

A Guerra do Paraguai na perspectiva de um historiador sul-rio-grandense: a obra *A invasão paraguaia no Brasil* de Walter Spalding e suas repercussões junto à imprensa

Francisco das Neves Alves*

A Guerra do Paraguai, conflito advindo das intrínsecas relações entre os países platinos, movendo interesses político-econômicos, estratégico-militares e territoriais destas nações e da estrutura de dominação exercida pelas potências centrais do capitalismo em direção a estes países periféricos, foi promovida a partir da reunião de Brasil, Argentina e Uruguai, na Tríplice Aliança, contra a República do Paraguai. Os seus quase

* Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019) e à UNESP (2020). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de cento e sessenta livros.

cinco anos de lutas levariam os historiadores a entabularem diferentes interpretações para os acontecimentos que marcaram o confronto bélico entre os Estados Nacionais do cone sul-americano. Essa guerra suscitou, assim, análises díspares e, por vezes, discordantes entre si, promovidas a partir de enfoques fortemente influenciados pelos contextos políticos e ideológicos marcantes ao longo dos anos que se seguiram ao embate.

A mais tradicional e por mais tempo predominante visão a respeito da Guerra da Tríplice Aliança foi fortemente caracterizada por uma descrição/narração oficial dos fatos que marcaram o evento. Sem qualquer preocupação com outras conjunturas, como a econômica, a política, a social ou a ideológica, essa versão optou por demarcar apenas como relevantes para o resgate histórico os episódios militares, além disso, buscou justificar a guerra como a “única” alternativa que restara ao Brasil no combate a um “governo tirânico”, como era qualificada a administração de Solano Lopez no Paraguai. Essa forma de interpretação não levava em conta os interesses estratégicos do Império Brasileiro e as constantes intervenções exercidas em relação aos vizinhos platinos, preferindo chamar atenção para o argumento de que as medidas brasileiras, em sua política exterior para com o Prata, tinham por “altruístico” objetivo o de sanear a vida política dos países limítrofes.

Essa versão oficial acerca da Guerra do Paraguai permaneceria dominante por longo período e exerceeria forte influência sobre a produção historiográfica nos países que se envolveram no conflito, cada qual encontrando suas “datas cívicas” e seus “heróis” a ser

aclamados e idolatrados. No entanto, em décadas mais recentes, várias interpretações buscaram empreender uma revisão em relação aos preceitos defendidos por aquela historiografia, os quais haviam sido praticamente cristalizados como “verdades absolutas”. Algumas delas buscaram centrar na influência britânica as razões para o desencadear do conflito, acusando o imperialismo inglês como o fator quase que único para promover uma guerra de aniquilação do Paraguai, tendo em vista o “mau exemplo” que este país dava em relação às tradicionais formas de domínio da Inglaterra para com a América Latina. Tal visão, no entanto, praticamente deixa para um segundo plano os interesses “domésticos” dos próprios países americanos na eclosão do confronto. Já outras, apontavam que o “grande culpado” pelo conflito era o Brasil que, através da guerra, aniquilara as possibilidades de integração de uma América Hispânica, pulverizando, definitivamente, os ideais bolivarianos. Essa versão, apesar de bastante original, peca por apontar para a possibilidade de uma congregação dos países sul-americanos de língua espanhola, cuja probabilidade de concretizar-se, à época da Guerra, era extremamente remota, tendo em vista os respectivos interesses locais de cada uma das nações hispano-americanas¹.

Cada uma dessas construções historiográficas – que ainda viriam a somar-se a outras – apresentaram alcances e limites, condicionados exatamente pelas conjunturas históricas nas quais foram elaboradas. No

¹ Conforme: SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 15-37.

Brasil dos anos trinta e quarenta, por exemplo, a visão oficial sobre a Guerra do Paraguai era ainda completamente dominante, ainda mais em uma época na qual os princípios nacionais e nacionalistas e a exaltação patriótica estavam tão em voga. Em plena vigência da ditadura estado-novista, a Guerra da Tríplice Aliança continuava sendo inspiradora da construção do discurso nacionalista, pois, maior conflito internacional do qual o Brasil fizera parte de modo decisivo, ela oferecia “fatos e feitos” que tinham tudo para serem elevados ao “altar da pátria” e, aí, admirados e até venerados, devendo servir como “exemplo” às gerações presentes e vindouras.

Nesse contexto historiográfico esteve inserido o historiador gaúcho Walter Spalding, notadamente em sua obra *A invasão paraguaia no Brasil*². Spalding foi um dos mais influentes historiadores rio-grandenses de sua época, que agindo e interagindo em relação a outros intelectuais gaúchos ligados à pesquisa histórica, fizeram escola e marcaram profundamente as formas de então de interpretar a História. Autor de mais de duas centenas de obras, Walter Spalding representava o intelectual-historiador de seu tempo, pertencendo a várias das instituições culturais de então, como o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, a Academia Rio-Grandense de Letras e o Instituto Genealógico Brasileiro, além de ter sido professor e Diretor do Arquivo e Biblioteca Municipal de Porto Alegre, dedicando-se

² SPALDING, Walter. *A invasão paraguaia no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

principalmente a escrever sobre a história sul-rio-grandense e ainda a brasileira³.

Ao abordar a Guerra do Paraguai, o principal interesse de Spalding era o de trazer a público uma série de documentos sobre a invasão que os paraguaios promoveram no território rio-grandense⁴. Para apresentar seu levantamento, no entanto, o historiador traçou inicialmente uma nota introdutória sobre a guerra, revelando nela parte de suas opiniões e convicções acerca do conflito, demonstrando a sua filiação às interpretações oficialistas para explicar o confronto bélico entre os países platinos. Dentre as fontes bibliográficas utilizadas pelo escritor gaúcho para expressar sua visão a respeito do conflito com o Paraguai, na sua “Introdução” uma das mais citadas foi o livro *Causas da Guerra com o Paraguai*⁵, no qual o seu autor, o militar-historiador Souza Docca, adota *in totum*

³ Sobre a biografia e a bibliografia de Walter Spalding, ver: LAYTANO, Dante de. *Manual de fontes bibliográficas para o estudo da História Geral do Rio Grande do Sul: levantamento crítico*. Porto Alegre: Gabinete de Pesquisa de História do Rio Grande do Sul, IFCH – UFRGS, 1979. p. 115-116; MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS/IEL, 1978. p. 495-497; e VILLAS-BÔAS, Pedro. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense*. IEL/A Nação, 1974. p. 432-436.

⁴ A respeito da invasão paraguaia na fronteira extremo-sul brasileira, observar: GAY, João Pedro. *Invasão paraguaia na fronteira brasileira do Uruguai*. Porto Alegre: IEL/EST São Lourenço de Brindes; Caixas do Sul: UCS, 1980; e DOCCA, Emílio Fernandes de Souza. Segunda parte. In GAY. p. 158-381.

⁵ DOCCA, Emílio Fernandes de Souza. *Causas da Guerra com o Paraguai*. Porto Alegre: Livraria Americana, 1919.

os pressupostos explicativos defendidos pela versão oficial.

Nesse sentido, o intento de Walter Spalding com sua publicação acerca da Guerra da Tríplice Aliança era apresentar aos leitores um arrolamento de documentos inéditos, sobre o conflito⁶, os quais, segundo o autor, por si só, ao serem apresentados na íntegra, permitiriam um melhor entendimento do confronto entre os países platinos. Assim, o escritor argumentava que a “Introdução” de seu trabalho tinha por objetivo ambientar o público leitor no assunto abordado, afirmando que, “o tema desta introdução, se o desenvolvêssemos como merece, daria para algumas centenas de páginas”, mas, por tratar-se “de uma simples ‘introdução’ à belíssima documentação – belíssima e preciosa –, que coligimos, anotamos e comentamos na medida de nossas possibilidades”, dizia que se limitaria até ali, uma vez que em tal documentação “tudo consta, nitidamente –, a historiar, em traços largos, os acontecimentos e seus precedentes, para maior facilidade do leitor”⁷. As explicações de Spalding para os acontecimentos da Guerra do Paraguai acabariam centrando-se em dois pontos básicos de abordagem, ou seja, os atos heroicos dos brasileiros que

⁶ A seleção dos documentos transcritos por Spalding chegaria a promover uma breve polêmica quanto a sua autoria, em artigos publicados no jornal pelotense *Diário Popular*, como se pode verificar em: GOMES, J. Costa. A invasão paraguaia no Brasil, do professor Walter Spalding. *Diário Popular*. Pelotas, 9 mar. 1942.; e SPALDING, Walter. Em torno de um artigo. *Diário Popular*. Pelotas, 1º maio 1942.

⁷ SPALDING, 1940. p. 15.

levaram à frente o intento nacional de eliminar o “tirânico” governo que “agrilhoava” o povo paraguaio – um dos apanágios das interpretações ligadas à história oficial – e a participação dos sul-rio-grandenses no conflito, decisiva, segundo o autor, para que a guerra chegasse a um bom termo para o Brasil.

Quanto à tentativa de heroificar alguns dos personagens brasileiros que participaram na campanha do Paraguai, já na dedicatória de sua obra, Spalding deixava tal intenção previamente declarada, ao oferecer seu livro “às gloriosas forças de terra e mar de minha pátria”. Em outras passagens, esse objetivo ficava também evidente, como ao destacar: “feito memorável, que cobriu de glória o soldado”; “heroico sacrifício, que lhe abriu as portas do *panteon* brasileiro”; “o terror desaparecera como por encanto e todo o mundo queria lutar, queria ir para as trincheiras, defender a pátria ultrajada”; “mas eram patriotas, tudo faziam e tudo davam pela pátria, pelo ‘pago’”; e “lances heroicos tiveram, então lugar”⁸. Nessa linha, os militares brasileiros apareciam na obra de Spalding como os “heróis” que, “patrioticamente”, defenderam os interesses da nação, a qual teria sido vilipendiada pela ação paraguaia, ao invés de estarem legitimando outras intervenções brasileiras na região platina.

A versão de Spalding para os motivos que levaram o Brasil à guerra corroborava com as narrações oficiais que visavam a justificar e legitimar a atitude brasileira, segundo a qual só teria ocorrido a intervenção nos territórios de seus vizinhos para afastar maus governantes, “indesejáveis” à própria população local

⁸ SPALDING, 1940. p. 20, 23, 26, 31 e 39.

e/ou tendo em vista defender os habitantes da fronteira brasileira com os países platinos. Essa interpretação não chegava a levar em conta os interesses conjunturais do Brasil no confronto, como os econômicos, ligados à agroexportação, e os político-estratégicos, vinculados às disputas fronteiriças e à navegação nos rios da bacia platina, questões históricas que remontavam ao período colonial⁹. De acordo com o historiador gaúcho, o país fora impelido à guerra, vindo a argumentar que “o Brasil, cuja história já nos é conhecida, tinha, sob o regime de D. Pedro II, alta missão a cumprir, como a de sustentar sua soberania e manter a paz na América”, de modo que “foi, para isso, que o Brasil interveio nas questões do Prata”, uma vez que “seus direitos deviam ser respeitados, bem como o de seus súditos espalhados pelas fronteiras dos países vizinhos”. E, a esse respeito, arrematava o autor: “Queria, além disto, para felicidade da América do Sul, dar cabo, de vez, dos caudilhos que a infelicitavam”, tendo conseguido atingir seu objetivo¹⁰.

Ainda buscando legitimar as atitudes do Brasil no Prata, das quais acabaria redundando a Guerra do

⁹ Sobre o contexto das intervenções brasileiras no quadro platino, observar: CERVO, Amado Luiz & BUENO, Clodoaldo. *História da política exterior do Brasil*. São Paulo: Ática, 1992. p. 97-115.; e COSTA, Wilma Peres. *A espada de Dâmcocles – o exército, a Guerra do Paraguai e a crise do Império*. São Paulo: Hucitec, Ed. da UNICAMP, 1996. p. 73-141. Já uma visão mais descriptiva sobre o Brasil na região platina, pode ser encontrada em: SOUSA, J. A. Soares de. O Brasil e o Rio da Prata de 1828 à queda de Rosas. In: HOLANDA, S. B. de (dir.). *História geral da civilização brasileira*. 3.ed. São Paulo: DIFEL, 1976. v. 5. p. 113-132.

¹⁰ SPALDING, 1940. p. 17.

Paraguai, Spalding reforçava a questão de que o país “tinha de garantir a integridade oriental e a vida dos brasileiros que viviam na fronteira”, sendo o Brasil levado aos conflitos, tendo em vista as agitações dos “caudilhos” nas nações vizinhas, as quais se “digladiavam sem cessar, arrastando nas suas querelas o Brasil”. Fazia ainda questão de ressalvar, que “os brasileiros não eram movidos por ambições de conquista”, ao contrário das “cobiçosas” lideranças caudilhescas platinas. Relembrando a guerra contra o *blanco* uruguai Aguirre, estopim da Guerra da Tríplice Aliança, o historiador rio-grandense reforçava a argumentação de que ao Brasil só restara entrar na guerra, como alternativa final, pois “os ataques dos *blancos* aos rio-grandenses da fronteira obrigaram o Brasil a intervir. Dizia também que Lopez iniciara, sem declaração de guerra, as hostilidades, de modo que “não pode existir a menor dúvida de que o Paraguai se preparou para o conflito e provocou e fez a guerra”. Nesse sentido, para o escritor gaúcho, o Brasil se entregara às campanhas platinas “com o fito único de eliminar os caudilhos e transformar o sul de nossa América Latina num remanso de paz”¹¹.

A historiografia oficial insistiu incisivamente na tese de que o Brasil interviera no Paraguai tendo em vista “libertar” o povo paraguaio do “jugo tirânico” de seus líderes que, de Francia aos Lopez, estavam promovendo o descaminho desse país em direção ao progresso e à civilização. Essas interpretações não levavam em conta que também estavam em jogo os interesses comerciais na região, tanto do Brasil e da

¹¹ SPALDING, 1940. p. 33.

Argentina, como um mais abrangente, o britânico, exponencial do imperialismo de então. Diante do modelo liberal então defendido, o Paraguai, com suas medidas protecionistas era visto como uma excrescência que deveria ser, naturalmente, eliminada. Walter Spalding seguiu a contento esse modo de interpretar a guerra, destacando a respeito do Paraguai que, após a independência, “o povo daquela grande terra caiu nas mãos tirânicas de senhores feudais, como Francia e os dois Lopez”, de modo que “o resultado foi a transformação do povo livre, honesto e trabalhador, em um bando humilde de fanáticos, ou, mesmo, janízaros de suas pretensões, estultas, loucas, descabidas”¹².

Spalding, como representante da historiografia oficial, defendia a tese de que a guerra fora provocada tendo em vista os interesses “imperialistas” de Lopez que pretendia empreender conquistas em relação aos territórios brasileiro, argentino e uruguai. De acordo com o autor, “há muito vinha Solano Lopez preparando a guerra”, esperando “apenas uma oportunidade”, a qual viera com a intervenção brasileira no Uruguai, em 1864, uma vez que ele “era um visionário louco”, além do que, “não tinha tática, tinha arrojo; não era um soldado disciplinado e conheededor do seu *metier*”, e sim “um atrevido, um autocrata capaz de todos os crimes para satisfação de seus instintos” e, assim, “levou seu povo ao matadouro”. Para o historiador gaúcho, “foram as campanhas platinas a causa principal do ódio de Solano Lopez ao Brasil”, pois “ele não admitia rival”, querendo “ser o único *El Supremo* da América do Sul” e, “por isso não viu com bons olhos a luta contra Rosas;

¹² SPALDING, 1940. p. 15-6.

assim como não teria visto “com bons olhos a campanha de Montevidéu e sobretudo o exaltou a mão forte dada pelo Brasil ao general Venâncio Flores, adversário de seus aliados do partido *blanco*”¹³. Dessa maneira, segundo tal perspectiva, era inaceitável que Lopez não reconhecesse a “benéfica” ação brasileira em relação aos seus vizinhos.

Buscando traçar um breve histórico da formação paraguaia, Spalding não deixava de chamar atenção para o caráter “autoritário” e “opressor” que teria caracterizado os líderes dessa nação, destacando que, “Francia, tirano terrível” reduzira “a zero a consciência paraguaia”, ao passo que “os Lopez continuaram as tradições de Francia e, além disso, armaram o Paraguai de maneira formidável”. Nesse quadro, Francisco Solano Lopez foi qualificado como “insano, presumido e ambicioso”, ao representar “um negregado papel, pela maneira satânica e perversa com que se houve para provocar a luta e durante o decurso desta, longo sangrento e penoso”, devendo, “por isso ser considerado como o maior réu do grande crime que foi aquela guerra”. Contradizendo em parte outras visões a respeito dos fatores promotores da guerra, Walter Spalding defendia que “a Guerra do Paraguai não foi produto de ação reivindicadora por parte do Paraguai, como seu ditador fez constar e ainda hoje alguns historiadores menos escrupulosos afirmam”, mas “sim, produto da vaidade, do orgulho e da cegueira” do mandatário paraguaio¹⁴.

¹³ SPALDING, 1940. p. 16 e 32.

¹⁴ SPALDING, 1940. p. 32 e 37.

Ainda no intento de imputar a Lopez toda a culpa pela eclosão do conflito platino, o autor destacava o “doloroso egocentrismo” de Solano Lopez, “cujo resultado foi arrastar o magnífico e histórico Paraguai à miséria”, não levando em conta, portanto, que a ação intervencionista da Tríplice Aliança e, principalmente do Brasil, fora também fundamental para a aniquilação do Paraguai. Ainda a esse respeito, Spalding apontava para “a ambição de Solano Lopez”, o qual “queria conquistar tudo, queria dominar, queria reinar, queria ser mais poderoso do que o então czar de todas as Rússias”. Nesse sentido, o autor chamava a atenção para o fato de que Francisco Solano Lopez se propusera, em nome de suas “ambição pessoais” e de seu “egocêntrico” caráter, a “guerrear três povos”, ou seja, brasileiros, argentinos e uruguaios, “com a paranoica ideia de mostrar o valor do soldado paraguaio”, resumindo-se nisso “o grau de cegueira e fanatismo a que conseguiu reduzir aquele valoroso povo, digno de melhor sorte”¹⁵. Assim, de acordo com as premissas da historiografia oficial, Walter Spalding isentou o Brasil de qualquer culpa nas atrocidades cometidas durante a Guerra da Tríplice Aliança, explicando que todas as atitudes brasileiras teriam sido justificadas em nome de uma quase “sacrossanta missão” de libertar o povo paraguaio e a América do Sul como um todo do “jugo despótico” e das ambições de conquista do “tirano” paraguaio.

Como grande parte de sua produção bibliográfica tenha se destinado a estudar a formação gaúcha, era natural que Spalding em seu trabalho sobre a Guerra do Paraguai demonstrasse também seus conhecimentos

¹⁵ SPALDING, 1940. p. 38 e 40.

sobre a história rio-grandense-do-sul e destacasse o papel desempenhado pelo Rio Grande do Sul no maior dos conflitos platinos. O autor chamava atenção para o importante papel militar-estratégico que desempenharam os rio-grandenses ao longo de sua história, exercendo uma função fundamental na manutenção da fronteira extremo-meridional brasileira. Sobre isso, afirmava o escritor que o Rio Grande do Sul, “em matéria de invasões, desde sua fundação, e especialmente de 1763 em diante, foi delas vítima, saindo-se, porém, sempre galhardamente”, além do que “o Rio Grande deu, sempre, o maior número de soldados ao Brasil, em todas as contingências, e figurava, continuamente, na vanguarda, recebendo os primeiros choques”, de modo que “seus filhos nasciam, por assim dizer, ao som da artilharia, no lombo dos cavalos, nos ‘entreveros’ e nas atrevidas cargas de cavalaria”¹⁶.

Ainda a respeito do caráter militar que marcara a formação sul-rio-grandense, o historiador buscava distinguir a gênese gaúcha da platina explicando que “a origem guerreira do rio-grandense é a mesma da platina, especialmente uruguaia”, mas havendo “uma diferença”, ou seja, “o rio-grandense não se prestou, nunca, ao caudilhismo na legítima acepção do termo, e nunca o praticou como o praticaram os platinos”. Nessa linha, argumentava que “o gaúcho verdadeiro, o legítimo gaúcho é um misto de bandoleiro e *gentleman*”, formando-se “no campo, nas ‘caçadas’ ao gado bravio, ao gado ‘chimarrão’”, não havendo “na formação do gaúcho, nada de lirismo, nada de importado”. Incisivamente, acerca desse assunto, o autor concluía

¹⁶ SPALDING, 1940. p. 26.

que das questões platinas “nasceram os heróis e assim surgiram os caudilhos em toda a América, exceto no Brasil que nunca teve caudilho propriamente dito”¹⁷. Essas convicções de Spalding refletiam as ideias defendidas pelo “discurso historiográfico lusitano”¹⁸, o qual buscava demonstrar que a formação histórica rio-grandense era completamente vinculada ao contexto luso-brasileiro, negando qualquer influência platina no processo de edificação da sociedade gaúcha.

Também sobre a importância militar do Rio Grande do Sul na defesa do Brasil diante dos vizinhos platinos, desde a época colonial, Spalding destacava “a origem guerreira por excelência” do gaúcho que, em suas terras encontrara “o cadiño em que se fundiram seus heróis”. No mesmo sentido, o escritor explicava que “as contínuas lutas de conquista, provocadas e alimentadas desde o descobrimento do Rio da Prata pela rivalidade entre espanhóis e portugueses”, viriam a obrigar “os estancieiros a manter-se constantemente alertas, em defesa de suas terras e de seus lares”, de modo que os rio-grandenses “tornavam-se, com o correr dos dias, soldados aguerridos por instinto de defesa e, não raro, também por patriotismo”. A partir daí, de acordo com o autor, dera-se no Rio Grande do Sul “o exemplo de coragem e de civismo”, de modo que “soldados bem poucos eram na realidade”, pois “a tática militar era, quase sempre, substituída pela prática, pelo amor à pátria e pelo instinto natural de defesa”¹⁹,

¹⁷ SPALDING, 1940. p.29 e 31.

¹⁸ Conforme: GUTFREIND, Ieda. *A historiografia rio-grandense*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1992. p. 37-113.

¹⁹ SPALDING, 1940. p. 29.

constituindo-se enfim, a participação gaúcha como um fator decisivo para as vitórias brasileiras durante as questões platinas.

Nesse contexto, ao abordar a Guerra da Tríplice Aliança, Walter Spalding corroborou as teses promovidas pela historiografia oficial, no sentido de idolatrar e glorificar os eventos e personagens que participaram do conflito, afirmando que “a página da Guerra do Paraguai é, não há dúvida, uma das mais gloriosas, embora triste e sangrenta, da História do Brasil”. Para o autor, nesse quadro de “heroísmos”, os episódios desencadeados pela invasão do território brasileiro, mormente o gaúcho, tema de sua obra, foram os mais notórios, pois, como declarava: “E se, nesta página, lances há que ultrapassam a imaginação humana”, nenhum deles encerrava “a grandiosidade dos feitos realizados” nas invasões do Mato Grosso e do Rio Grande do Sul, “especialmente por terem sido levados a efeito em defesa do próprio solo pátrio sacrilegamente pisoteado pelas hordas fanatizadas do maior tirano das Américas”. E concluía, retomando a dedicatória de seu trabalho: “Por isso, rememorando nestas páginas tais feitos que elevam e enobrecem três povos irmãos – Argentina, Uruguai e Brasil”, os quais teriam se portado “sempre, humanitariamente”, oferecia seus escritos, “reverentes, às nossas forças de terra e mar, de modo que a partir deles, “mais e mais se espelhem, fazendo brilhar seus atos e feitos pela glória do Brasil e pela paz mundial”²⁰.

Assim, Walter Spalding na introdução de seu levantamento de documentos editado no livro *A invasão*

²⁰ SPALDING, 1940. p. 48-9.

paraguaia no Brasil reproduziu vários dos preceitos defendidos pelo discurso historiográfico oficial a respeito das questões platinas e, em especial, da mais grave delas, a Guerra da Tríplice Aliança, contribuindo, através de seu papel como intelectual-historiador, para difundi-lo ainda mais no contexto gaúcho e expandindo-o para o brasileiro, tendo em vista a influência que seus escritos exerçeriam ao longo de várias gerações de historiadores. Spalding, ao refletir as ideias daquela historiografia, justificou as atitudes brasileiras no Prata, referindo-se à “missão” quase que civilizadora do Brasil, levando o modelo liberal para os países “acabrunhados” por ferozes “tiranias” caudilhescas. No caso do Paraguai essa luta contra a “tirania” ficaria ainda mais evidente, dando-se, nesse caso, o confronto entre o “egoísmo” e o “egocentrismo” de Solano Lopez e suas propostas de expansão e conquista, rumo à formação de um “Grão-Paraguai”, contra o “altruísmo patriótico” dos brasileiros que defenderam a “liberdade” na América do Sul. Particularmente chamando atenção para o papel do Rio Grande do Sul na Guerra de 1865-1870, o autor destacava a formação histórica gaúcha, ligada aos confrontos militares com os espanhóis e hispano-americanos, na defesa da fronteira brasileira, bem como as históricas e tradicionais experiências dos riograndenses nas lutas da “liberdade contra a tirania”, para demarcar a importância dos mesmos nos destinos daquela guerra²¹.

²¹ Texto revisado a partir de: ALVES, Francisco das Neves. A Guerra do Paraguai na visão de um historiador gaúcho. In: *Biblos*. Rio Grande: Editora da FURG, 2003, v.15, p. 137-145.

O livro de Walter Spalding foi divulgado em meio às páginas de vários periódicos brasileiros. Na época, tendo em vista a política governamental estado-novista, a imprensa estava sob pleno controle do Estado. Tratava-se de uma “censura essencialmente política”, vindo “de encontro à liberdade de expressão dos diversos segmentos sociais dominantes e de seus intelectuais”, exatamente aqueles “que detinham os meios de comunicação de massa mais expressivos, além do próprio aparelho estatal”²². Assim, sob o argumento “de garantir a paz, a ordem e a segurança pública, justificava-se a censura prévia à imprensa”, facultando-se também “às autoridades competência para proibir a circulação, a difusão ou a representação do que quer que fosse considerado impróprio”²³.

Desse modo, durante o Estado Novo, os mecanismos “de controle, ao mesmo tempo em que impediam a divulgação de determinados assuntos, impunham a difusão de outros na forma adequada aos interesses do Estado”²⁴. Nesse quadro, a obra de Spalding estava articulada com os preceitos cívicos e patrióticos emanados pelo regime, com a valorização dos “feitos” e dos “heróis” do passado, de modo que contou

²² GOULART, Silvana. *Sob a verdade oficial: ideologia, propaganda e censura no Estado Novo*. São Paulo: Marco Zero, 1990. p. 121.

²³ LUCA, Tania Regina de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 171-172.

²⁴ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. 2.ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 86-87.

com a aquiescência governamental. Tal perspectiva acabaria por redundar em repercussões em geral positivas e até elogiosas em relação ao livro, como pode ser verificado a partir da observação de cinco jornais do centro do país, quatro cariocas e um paulista, sendo três deles predominantemente noticiosos, um voltado à difusão cultural e um vinculado a um segmento militar da sociedade.

O periódico *Correio Paulistano*, em seção assinada pelo militar e historiador Nelson Werneck Sodré, intitulada “Livros novos”, dizia que o livro de Spalding tratava-se “de uma obra que contém larga e preciosa documentação inédita coligida e anotada pelo autor”, em sua totalidade “girando em torno dos dois episódios da invasão paraguaia em território brasileiro, nas Províncias de Mato Grosso e do Rio Grande do Sul”. Segundo a avaliação, “o verdadeiro e grande mérito do autor consiste em ter reunido essa documentação”, com o destaque de que “as suas notas também são elucidativas, sobre personagens e episódios”, constituindo “a parte principal da sua própria contribuição ao livro”, sendo tecidas ainda críticas “à parte narrativa”. De acordo com o analista bibliográfico, “o livro do Sr. Walter Spalding constitui um documentário auxiliar, posto à disposição de quem quiser traçar as verdadeiras linhas da luta do Império contra Lopez”, de modo que, “como contribuição desse gênero, chega a ser notável”. Em conclusão, afirmava que “a série de documentos apresentados, muitos até agora inéditos e as anotações do autor, tornam a obra dessas que, nem por serem acessórias, merecem menos

apreço”²⁵. Mais tarde, na mesma coluna, em apreciação da produção de 1940, o avaliador declarava que, “no terreno dos ensaios históricos” fora publicada “alguma coisa de interessante”, qualificando o livro de Walter Spalding como “obra bem informada”²⁶.

Na seção “Livros novos”, o *Jornal do Comércio*²⁷ afirmava que era “louvável e cada vez mais ampla a contribuição dos nossos escritores de hoje para o enriquecimento da historiografia nacional”. Detalhava que “a Guerra do Paraguai é um dos episódios históricos que mais tem inspirado cronistas, romancistas e homens de letras do Brasil, nos últimos anos”. Explicava ainda que, “com o estudo sistemático dos documentos da época, a publicação de cartas das grandes figuras do tempo” e mesmo com “a melhor fixação da fisionomia dos homens e das cenas, a luta dramática de 1865-1870” surgia “em toda a sua riqueza episódica, com a importância político-militar que realmente possuí”. Nessa linha, *A invasão paraguaia no Brasil* era considerada como “mais uma contribuição desse gênero, trazida por um estudioso das nossas questões históricas”.

Em sua apreciação, o *Jornal do Comércio* destacava que o livro de Spalding, “de mais de 600 páginas”, era a “reunião metódica de cartas, ordens de comando, proclamações, avisos e documentos outros referentes à famosa campanha” que absorvera “todas as forças vivas do Império”. Fazia referência à autoria das cartas levantadas pelo escritor, em alusão aos “chefes militares cujos nomes enchem de glória os campos de batalha do

²⁵ *Correio Paulistano*. São Paulo, 7 nov. 1940, p. 6.

²⁶ *Correio Paulistano*. São Paulo, 30 jan. 1941, p. 7.

²⁷ *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 8 set. 1940, p. 5.

tempo”, trazendo detalhes “de grande interesse para o esclarecimento de certos aspectos ainda obscuros da campanha”. Explicava também que, “na introdução do volume, o autor dá-nos uma visão de conjunto do Brasil militar do século XIX, por ocasião da luta contra Lopez”. Concordando com Spalding, o periódico carioca destacava que “o Brasil não desejava, nem provocara a guerra”. Ao concluir, o jornal afiançava que “todos esses dados e informes tornam o livro do Sr. Spalding nitidamente útil aos que desejam servir à História com êxito e segurança”, sendo “digno da divulgação mais ampla e dos aplausos mais irrestritos”.

O periódico *A Noite* apontava que em *A invasão paraguaia no Brasil*, “o autor realizou pesquisas notáveis sobre a invasão paraguaia”, ao conseguir “reunir elementos em grande parte inéditos relativamente a esse ponto histórico tão versado”. Considerava que “a sequência dessa documentação constitui a parte fundamental do volume e vale como o melhor e mais rico cabedal sobre o assunto”. Explicitava ainda que, “antes da documentação, o autor traça um resumo da Guerra do Paraguai”, o qual serviria para facilitar “ao leitor uma apreciação das peças documentárias por sua relação com o acontecimento geral”²⁸.

A *Revista Marítima Brasileira* publicou o artigo “Um livro de Walter Spalding – a invasão paraguaia no Brasil (documentação inédita)”, de autoria do almirante Dídio Costa²⁹. Segundo a apreciação, o volume em pauta “tem direito a assinalado registro e a grande louvor”,

²⁸ *A Noite*. Rio de Janeiro, 5 set. 1940, p. 3.

²⁹ *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro, set. – out. 1940, p. 1605-1608.

sendo destacado o trabalho do “ilustre historiógrafo sul-rio-grandense” e a “ótima composição” da obra, que continha “uma introdução, numerosas reproduções de documentos e notas e uma relação bibliográfica final”, além de “diversas estampas” que “ilustram o texto”. Tal revista considerava que “o alentado volume contém matéria documental realmente belíssima e preciosa, qualificativos que justamente lhe deu o diligente e abalizado coordenador”. Explicava também que “a tão extensa documentação o autor aduziu abundantes notas de pé de página, todas apropriadamente completivas pela variedade de dados que oferecem”.

O artigo da *Revista Marítima Brasileira* enfatizava ainda que “ressalta logo a importância do livro, porque a sua essência é toda de séries documentais, articuladas com zelo que alcança o apuro”. Levando em conta “que a base da história é o documento”, ressaltava que a obra proporcionada “aos estudiosos é um riquíssimo cabedal, acolhido sofregamente sem dúvida, desde agora utilizado com frequência e manuseado com todo o proveito”. De acordo com a avaliação, “a carência de documentos tem levado muitos escritores, de pequeno e grande tomo, a numerosos deslizes, a debates bizantinos, a controvérsias azedas e farisaicas”, bem como “a conclusões nocivas à verdade histórica”. Havia também referência aos estudos “superficiais, precipitados, inadvertidos, tendenciosos e inconscientes”, mas com a ressalva de que não era o caso da obra de Spalding, que trazia um “novo manancial de efeitos benéficos à cultura histórica”.

A respeito da parte introdutória do livro, a *Revista Marítima Brasileira* apreciava que o escritor gaúcho oferecera “ao público a sua forte coordenação

documental, diligente e inteligentemente realizada”, ao conceituar “sobre o Paraguai, os fatos, a gênese e os efeitos da campanha” dos aliados no combate a “um déspota de gloriosa nação irmã, florescente e bela entre as águas lendárias da bacia do Paraná”. Indo ao encontro da historiografia oficial, o artigo definia que se tratara de uma guerra contra uma “nação martirizada pelo déspota”, que teria se preparado “para avassalar povos vizinhos, uma vez submetida e fanatizada a sua tropa, toda resoluta e inteiramente brava”. Nessa linha, era considerado que o confronto se dera entre “Solano Lopez, el-supremo” e “o brasileiro, o argentino e o uruguai, conduzidos por espírito diverso, o da razão e o da justiça”. Dessa maneira, ficava demarcado que o resultado da guerra fora “uma glória para as nossas armas, uma conquista da civilização, o predomínio da liberdade” e ainda “a compreensão de que, na América, sem esforço nenhum, ‘tudo une os povos e nada os separa’”. A conclusão afiançava que “a obra de Spalding é o notável efeito de um belo esforço, misto de talento e discernimento, destinado a indubitável sucesso”.

Ao apreciar o livro de Spalding, a revista *Vamos ler!* lembrava que, “ainda há pouco, em sua *História do Brasil – as origens*, afirmava Pedro Calmon que estávamos na época da revisão completa da nossa evolução histórica”. Diante disso, o periódico alinhavava que, “na realidade, dia a dia, surgem nas livrarias do país, novos repositórios de documentos sobre todas as fases de nossa vida social e política”, os quais “vêm esclarecer por completo numerosos pontos controvertidos ou enigmáticos”. Nesse sentido, destacava que surgira, da lavra de Walter Spalding, “operoso investigador residente em Porto Alegre, a

adição ao patrimônio impresso de nossa documentação histórica”, com “extensa cópia de papeis de importância sobre A *invasão paraguaia no Brasil*”. Na opinião da revista, “os documentos que Spalding oferece, num volume de 630 páginas compactas, são definitivos sobre esse capítulo de nossa história”. Julgava ainda que a introdução deveria ser “menos reduzida”, mas que isso não diminuía “em nada o brilho da iniciativa desse polígrafo gaúcho e o valor de mais essa iniciativa” da editora que chancelara a publicação³⁰.

Dessa maneira, em pleno vigor da ditadura estado-novista e seus princípios nacionalistas, a obra de Spalding – referendada por alguns dos representantes da imprensa brasileira – correspondia a contento aos arcabouços historiográficos de então que visavam a criar verdadeiros mitos através do panteão dos “heróis nacionais” e dos “gloriosos eventos” que teriam caracterizado a guerra. Em detrimento de uma interpretação mais conjuntural, a Guerra do Paraguai era descrita como uma manifestação fortemente marcada pelo sentido de patriotismo, bem de acordo com os estereótipos patriótico-nacionalistas então em voga na edificação de uma identidade nacional para o Brasil. O historiador gaúcho agia, dessa forma, na difusão de tais ideias, sendo mais um dos escritores que levou adiante um discurso historiográfico que buscou construir “verdades” absolutas e incontestáveis, as quais predominaram por décadas, influenciando decisivamente as várias narrações/descrições/interpretações desenvolvidas acerca da Guerra do

³⁰ *Vamos ler!* Rio de Janeiro, 12 set. 1940, p. 15.

Paraguai e que só mais tarde viriam a ser contestadas e revisadas.

Augusto Roa Bastos e a Guerra do Paraguai.

Jussemar Weiss Gonçalves*

As ligações entre história e ficção penetram nas tramas de autores que buscam escrever sobre a América latina. Na verdade a história latino-americano forneceu temas, personagens e, até mesmo, situações que em mãos hábeis viraram páginas inesquecíveis na literatura. Em nosso caso específico a figura do escritor Paraguaio Augusto Roa Bastos revela como a história torna-se ficção a partir de uma criação, realmente, singular da realidade paraguaia. A abundante bibliografia revela essa importância de uma obra que não para de ser interpretada por gerações que olham, agora a partir de uma nova mirada. O que se quer aqui no limite desse artigo é articular essa figura incontornável da história América Latina, que é Francisco Solano López para a história paraguaia do século XIX, e a escrita de Roa Bastos.

No plano da expressão, Roa Bastos apela para uma linguagem que é o resultado da combinação da fala direta com locuções, fórmulas e expressões extraídas das entradas do guarani. Assim, obtém o alento altamente poético que impregna a sua obra narrativa. Roa Bastos tenta desta forma apoderar-se de uma linguagem

* Prof. Dr. do Curso História-ICHI- Universidade Federal do Rio Grande-FURG.

própria, que é uma das buscas dos escritores latino-americanos, a fim de definir a sua identidade. Para isso, Roa Bastos recorre à fonte da língua aborígene; não ao guarani em si — escreve em espanhol,— mas ao seu frescor, à força de sua expressão metafórica, como forma de reação contra o idioma imposto pelo conquistador. A quebra do casticismo, mediante a presença interna das estruturas guaranis, torna-se um elemento altamente enriquecedor na prosa de Roa.

Considerado um dos protagonistas da narrativa latino-americana da segunda metade do século XX, Roa Bastos é o escritor paraguaio mais conhecido no mundo. Esteve exilado entre 1947 e 1989, inicialmente na Argentina onde permaneceu até 1976 e depois na França, quando trabalhou como jornalista e professor universitário. Foi no exílio, portanto, que produziu parte significativa de sua produção literária.

Esta marginalidade, que também está vinculada à sua quase permanente condição de exilado, encontra-se em suas raízes, por pertencer a um país vítima de uma trágica sequência de guerras internas e prolongadas ditaduras, por pertencer a um povo que quase foi dizimado durante a guerra com seus vizinhos entre 1864 e 1870 e que tem lutado incessantemente pela liberdade.

Augusto Roa Bastos nasceu em Assunção em 13 de junho de 1917 e faleceu na mesma cidade em 26 de abril em 2005. Aproveita sua experiência de infância e como soldado na guerra do Chaco entre seu país e a Bolívia para construir obra *hijo del hombre*-Filho do Homem, 1960. Nesta obra ele trata de cem anos da história de seu país. Seu trabalho literário é marcado por um rigor técnico, a partir do qual o autor elabora seus relatos, assim como a força da prosa mestiça com a qual

transcreve a fala regional. Entre suas obras destacamos as várias coleções de conto: *El Trueno entre las hojas*(1953), *El Badio*(1966), *Mata Quemada*(1967). Sua obra mais conhecida é a novela *Yo El Supremo*, inspirada na vida do ditador Francia que governou o Paraguai entre 1814 e 1840. Nesta obra aprofunda sua pesquisa do espanhol paraguaio criando neologismos e contínuos jogos léxicos como sintáticos. Um país constitucionalmente bilíngue, onde a língua indígena também tem status de idioma oficial, dá mostras de uma conexão entre o estrangeiro e o local, a cidade e o campo que, se não é harmônica, pelo menos discrepa da antítese que define os grandes países latino-americanos (Argentina, Brasil e México, por exemplo) em que capital e interior andam em ritmos quase opostos. Roa Bastos atentou para a dinâmica bicultural paraguaia e nos seus textos está presente esse registro.

O ponto de partida de sua escrita compromissada é sua terra natal: o Paraguai, do qual, discute seus problemas políticos e sociais por meio dos fatos históricos. Por fim, em seus textos representam situações comuns ao continente americano como sendo traços de uma sociedade autoritária e violenta, na qual o sofrimento humano e a resistência política estão enraizados.³¹ Testemunha de uma história aterradora, Roa Bastos se dedicaria ao apuro técnico para transportá-la à ficção. Tanto *Hijo de hombre* quanto *Yo el Supremo* (escritas no exílio parte portenho, parte parisiense) são romances de grande sofisticação

³¹ Giaccon, Gianne Maria. O Paraguai de Ro Bastas: História e Crítica Social. Assis, Universidade Estadual Paulista, FCLAS, 2013

narrativa. Hijo de hombre, publicada originalmente em 1960, e revisada pelo autor ao longo da vida, a ponto de um novo capítulo ser incluído em 1983, inicia aquilo que Roa Bastos chamou de trilogia paraguaia, que se completaria com Yo el Supremo (1974) e El fiscal (1993). No primeiro romance, a narrativa registra as duas cosmovisões que formam o Paraguai: a indígena e a espanhola³².

Solano López e a literatura de Augusto Roa Bastos

É com a presença de José Gaspar Rodríguez de Francia³³ como dirigente do país no inicio do século *que* se afirmou a nação paraguaia face a Europa³⁴ e aos seus vizinhos a latino-americanos, em particular a Argentina e ao Brasil. Esta afirmação se estende pelo governo de Francisco Solano Lopés-1862-1870. É neste período que

³² Lucena, Karina de Castilho. ROA BASTOS, COMPILADOR DA HISTÓRIA PARAGUAIA. Nau: Revista Literária. Vol. 12, N. 02, 2016: Dossiê Guerra do Paraguai e História da América Latina p. 23.

³³ José Gaspar Rodríguez de Francia, depois da declaração de independência face a Espanha(1811) e ao Vice-Reinado do Rio da Plata e Buenos Aires proclama a República em 1812 e se torna Ditador em 1817, impondo ao país uma regime autocrático até a sua morte em 1840.

³⁴ Carlos Antonio López, pai de Francisco Solano López. Sucedeu a Francia e reforçou a obra de seu antecessor. Abriu o país ao exterior recebendo influências principalmente culturais.

se declara a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870) que envolve a Argentina, o Brasil e o Uruguai

Na batalha de Cerro-Corá com a morte do Marechal a guerra termina deixando como saldo 65% da população em perigo e um terço do território nacional foi perdido. Como não poderia ser diferente, o Paraguai vai minguar por longos anos. Concentração de terra, conflitos agrários, miséria, analfabetismo vão definir a sociedade paraguaia do final do século XIX e início do XX. O Paraguai é um país devastado.

Assim o século XIX é aquele da construção da nação paraguaia, mas é também aquele de sua destruição. Entre esses dois momentos decisivos e a vida de Francisco S. López, se encontram vinculadas a esses períodos no qual a nação se viu ameaçada por todos os lados. Este personagem tem, ainda hoje, seus defensores e detratores e seu papel nas motivações que levaram a derrota de 1870. Estas interrogações abrem espaço para a criação literária que envolve o próprio Solano López na obra de Roa Bastos.

Na obra de Augusto Roa Bastos ele aparece na primeira versão de *Hijo de Hombre*³⁵ é rapidamente evocado em *Eu o Supremo*³⁶.

Existe na obra de Roa Bastos uma presença difusa, mas crescente do Marechal.

Um desses personagens Fidel Maiz nos coloca diante da guerra da Tríplice Aliança. O romance

³⁵ Bastos, Augusto Roa. *Hijo del Hombre*. Buenos Aires, Losada, 1960.

³⁶ ----- *Eu O Supremo*. São Paulo. Paz e Terra. 1977

privilegia as ações de Maiz durante a guerra e que chegam até as decisões e atos, os mais contestados de F. Solano Lopéz:

“inutilmente, entender a cínica confissão de Fidel Maiz que aos noventa anos tenta justificar as condutas durante a Grande guerra nos acampamentos de Lopéz; suas etapas de servil subordinação ao Marechal e seu repúdio posterior”³⁷.

A narração oferece aqui uma forma resumida ou como se fosse um sumário. Em um momento no qual o patriotismo está em alta e a causa nacional se liga diretamente a independência e a integridade territorial, toda conspiração real ou imaginada é severamente punida, pois é vista como crime de guerra. Assim, quando em 19 de fevereiro de 1868 os brasileiros forçam a passagem de Humaitá, enquanto os notáveis paraguaios estão em reunião em Assunção, Lopéz está no Chaco depois de ter conseguido escapar dos inimigos, e tem suas suspeitas. Ele organiza o processo de São Fernando pois está persuadido que os conspiradores, entre os quais se encontram aos altos dignitários do regime e membros de sua família, que procuram assassina-lo e revelar os planos aos inimigos. É neste momento que aparecem os tribunais, chamados por seus detratores de Tribunais de Sangue e os Fiscais, entre os quais Fidel Maíz. Nas na Etapas de mi vida, F. Maíz fala sobre estes acontecimentos:

³⁷ Hijo del Hombre. OP. Cit. p. 245

“São Fernando....Que lembranças tristes que desperta aquele lugar. Ali começaram os processos sobre a funesta grande conspiração, querendo a fatalidade que tomasse parte de uma das várias comissões estabelecidas, para o julgamento dos réus implicados naqueles crimes”.³⁸

Estes processos estão na origem de duas imagens de contraditórias do Marechal, aquela do tirano sanguinário e a outra do herói que coloca acima de tudo os interesses da Pátria que incarna este momento. É este episódio que F.Maíz diz ser a “etapa servil” A menção ao “posterior repúdio e condenação é em relação a derrota e a etapa da morte de Solano López. Tombado pelas mãos de brasileiros em 12 de abril de 1870, F.Maíz escreve ao Conde D’EU para lhe pedir perdão”. Se pode ver alguns julgamentos decisivos tais como: “A única causa da guerra foi o sanguinário López”, ou ainda: “Desapareceu o vampiro, depois de ter chupado gota a gota o sangue que verteu sobre esta terra”³⁹

Quando trata de seus trabalhos como fiscal ele diz:

“López tinha habilidade suficiente para inspirar idéias e fazer compreender aos fiscais o que queria e de que forma desejava, e deixava os fiscais trabalharem para depois decidir. Ele não limitava os tribunais e, dessa forma não se fazia

³⁸ Basto, Augusto Roa. Etapas de mi Vida. Madrid, Alfagura.1985, p.49

³⁹ ----- Op. Cit, p.243

nada sem ele e com ninguém se podia falar em particular, a não ser com ele”.

E para se desculpar acrescentava: “Sim a vida deste déspota não se traduzia na existência da pátria”⁴⁰. Se se considera a traição de F. Maíz ela é de dupla natureza: primeiro ele trai sua missão religiosa de obedecer à Lopéz colocando a defesa da nação acima do respeito a vida humana, e, depois para se salvar ele acusa López a quem ele tinha cegamente obedecido. A ambiguidade de F. Maíz está na origem da dupla imagem de F. Solano López que aparece no livro *Hijo del Hombre*.

*“Para ele, López no apogeu de seu poder era o Cristo do Povo Paraguaio, depois sacrificado em Cerro-Corá pelos macacos do Brasil, lança contra ele seus anátemas e execra o monstro sanguinário que arrastou seu povo a destruição ,construindo no final seu próprio epitáfio com agônica impostura “morro com a minha pátria”*⁴¹

Na obra de Roa Bastos a representação o personagem do Marechal oscila entre uma figuração cristão e diabólica. A Ficção reenvia a história e a justifica de alguma forma. Em feito a série de paralelismo entre F. Maíz e Solano López nos revela que eles encarnam o herói e o anti-herói:

López leva ao suicídio coletivo seu povo, morre como um herói nas águas do Aquidabán com um lançasso, a

⁴⁰ -----Op. Cit. P.244

⁴¹ *Hijo del Hombre*. p. 246

traição, de um cabo brasileiro. Maíz sobrevive e carrega com ele, como sacerdote e como fiscal de sangue, como herança terrível de milhares de homens, mulheres e crianças mortos em tribunais de guerra. Maíz é o anti-herói por excelência”⁴².

No Hijo del Hombre. Solano aparece representado como um herói da nação paraguaia através da auto-justificação de F. Maíz, que é, aliás, fonte histórica. É na medida em que é unicamente na medida em que F. Maíz é considerado como o protótipo do anti-herói literário, em suas qualidades de fiscal, depois prisioneiro que pede por clemência ao inimigo. Através desta dupla condição, que é também uma dupla caraterística , a ficção e a história se funde. O fiscal será definitivamente associado no plano literário a um narrador pessoal que se transforma em juiz de uma parte da história de seu país sujeito a controversas. A ficção ensaia, então, iluminar a história com uma nova luz utilizando modalidades de escritas variadas.

A morte de López e o fim do conflito, elementos que são privilegiados na obra trabalhada, são apresentados como acontecimentos inelutáveis desde o início. Os momentos que precedem a morte são mistificados pela história e pela ficção e são longamente descritos como para exorcizar. A imagem cristã que forja F.Maíz se justifica. S o suporte da narração parece ser sempre escolhido em função de um critério objetivo, várias perspectivas e varias vozes narrativas participam na elaboração da escrita de Roa Bastos.

Ao chegar à crucificação de Solano López pelo exército brasileiro, senti que estas lanças

⁴² Hijo del Hombre. P.247

despertavam em mim a capacidade de um ódio continuo e de raiva que levou a que aquele homem de energia sobre-humana a sobrepassar todos os excessos de uma guerra terrível e inútil".⁴³ P6

A imagem elaborada é então polissêmica, saturada de sentidos. Ela reúne a perspectiva individual e interna do homem e o seu destino e perspectiva nacional e épica. Toda esta imagem articulada a uma interpretação cristã.

É um dos episódios mais trágicos da história do Paraguai que se justifica pela vitória moral, sobre ele mesmo, de um único homem: O Marechal López:

"Esta derrota final e infame era a afirmação de um heroísmo singular, uma vitória moral. Solano López obteve com sua morte e o extermínio de seu povo um triunfo maior que os vencedores; um triunfo conseguido ao preço de muitas derrotas, terrores e de um abominável holocausto."⁴⁴

Se assim, podemos dizer, nessa "deformação da história", na narrativa que temos analisado, hijo de Hombre, El fiscal, Etapas de mi Vida, notamos duas formas de apresentar o marechal: a crucificação de Solano López e sua imagem cristã e o papel dos fiscais e os tribunais de sangue. É, então, F. Maíz toma para si uma versão como contraponto a versão oficial. São esses dois elementos que unem herói e nação, ou anti-herói e a

⁴³ Bastos. Augusto Roa. El Fiscal. Madrid. Alfagura, 1993. P. 31

⁴⁴ -----Op. Cit. P 31

nação destruída ao fim da guerra contra a Tríplice Aliança, que aparecem no livro *Hijo del Hombre*, a partir de F. Maíz sob a forma de intertextualidade e como signo linguístico.

No livro *Eu, o Supremo*. O Supremo é o senhor de seu destino e da escritura dele mesmo. Sua mistificação nasce de seu próprio discurso que é ao mesmo tempo intertexto e polifônico. Em troca Solano López aparece como vítima de uma agressão exterior ao longo de uma etapa nacional de decadência. A coincidência entre o fim do conflito e a sua morte contribui para a sua exaltação heróica. Se constata, necessariamente, que a imagem do Marechal como “cristo do povo paraguaio” que está no coração dessas narrativas nos envia a uma evocação da morte do Marechal tal como apresenta o historiador Julio Cesar Chaves:

“Em 14 de fevereiro de 1870 a caravana alcançou seu Gólgata. Cero-Corá como um imenso anfiteatro, rodeado de montanhas, está localizado no extremo nordeste de nosso território e ele cruza o rio Aquidannigui, que oferece, apenas duas entradas. O Marechal López ao chegar até ali, havia alcançado, por fim o seu calvário. Na manhã de 1º de março os Imperiais atacaram Cero-Corá. López a frente de duzentos homens os enfrentou. Na primeira parte da luta foi ferido por uma lança e por golpe de sabre.

Câmara o intimou a render-se:

Renda-se Marechal. Sua vida está garantida. Sou o general que manda nestas tropas.

-Morro pela minha pátria com a espada na mão!!

Solano voltou a lutar, Câmara ordenou a um soldado que lhe retirasse a espada. Em meio a luta Solano foi

atingido por um tiro no coração. Assim morreu colocando uma nota de glória como epílogo de sua vida e da guerra".⁴⁵

Esta citação mostra bem que a história e a ficção usam por vezes recursos semelhantes.

Notamos, então, que a literatura realiza um trabalho de interrogação sobre a identidade nacional de ontem e de hoje reconstruindo através de processos narrativos, sintáticos, retóricos e estilísticos, os acontecimentos e os homens que o fizeram.

As relações entre a ficção e a história, entre o personagem histórico e o mito encarnado por esse personagem, vivo e presente na coletividade se fazem presentes nas obras citadas. Isto quer dizer que os valores representados pelo regime nacionalista de Solano continuam sendo de total atualidade, e constituem um desafio ao leitor contemporâneo — ao paraguaio em especial — obrigado ao vaivém comparativo.

A produção narrativa de Roa Bastos leva a discussões e reflexões sobre a verdade e a mentira do discurso histórico. O discurso histórico é uma estrutura verbal na forma de um discurso narrativo em prosa, o que prende o historiador a escolhas entre estratégias interpretativas. Em literatura, essa reconstrução imaginativa da história constitui o resultado da criação autoral. Uma das características da narrativa histórica é o seu caráter de vinculação as convenções, que ao narrar o passado, procura fazer com que pareça que os fatos

⁴⁵ Chaves, Julio Cesar. Compedio de Historia Paraguaya. Asuncion, 1991. P.227-228

narram-se a si mesmos, com uma tendência a apagar a referência gramatical. A redação da história e da ficção traz uma contaminação deliberada da história por elementos discursivos didáticos e situacionais, indo contra a objetividade, neutralidade, impessoalidade e transparência da representação, pressupostos implícitos do discurso histórico.

A narrativa híbrida de Roa Bastos, que se utiliza da história para fazer literatura, constitui-se numa alternativa para a construção de outra referência de ordem política. A voz dada ao subalterno faz parte da desconstrução do discurso histórico oficial. A ficção utiliza-se, então, do que seriam as entrelinhas, do discurso da história e torna-se terreno fértil para pensar o país.

Bibliografia:

Chaves, Julio Cesar. Compedio de Historia Paraguaya. Asuncion, 1991. P.227-228.

Bastos. Augusto Roa. El Fiscal. Madrid. Alfagura, 1993. P. 31

----- Etapas de mi Vida. Madrid, Alfagura.1985, p.49-----

-----Hijo del Hombre. Buenos Aires, Losada, 1960.

----- Eu, O Supremo. São Paulo. Paz e Terra. 1977

Chaves, Julio Cezar. Compedio de Historia Paraguaya. Asuncion, 1991. P.227-228.

Giacon, Gianne Maria. O Paraguai de Roa Bastas: História e Crítica Social. Assis, Universidade Estadual Paulista, FCLAS, 2013

Lucena, Karina de Castilho. ROA BASTOS, COMPILADOR DA HISTÓRIA PARAGUAIA. Nau: Revista Literária. Vol. 12, N. 02, 2016: Dossiê Guerra do Paraguai e História da América Latina p.23.

LACLAU, Ernesto. A razão populista. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Três Letras, 2013.

MORETTI, Franco. A literatura vista de longe. Tradução de Anselmo Pessoa Neto. Porto Alegre: Arquipélago, 2008.

Os balões na Guerra do Paraguai: iconografias

Luiz Henrique Torres*

Em Paris, no dia 21 de novembro de 1783, se realizou os primeiros voos com seres humanos em um balão. Um aeróstato de ar quente criado pelos irmãos Montgolfier foi pilotado por Marquis François d'Arlandes e Pilatre de Rozier.

A ilustração mostra a primeira viagem no balão construído pelos irmãos Montgolfier:

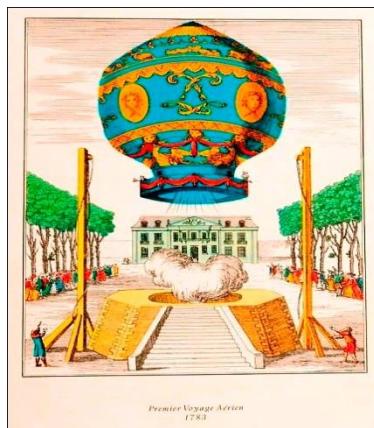


Figura 1 Ilustração para o livro “Balloons” da editora Ariel Press, 1956. Acervo: Smithsonian National Air and Space Museum.

* Professor Titular. Instituto de Ciências Humanas e da Informação/FURG.

O impacto da descoberta ficou marcado nas inúmeras ilustrações e charges que buscavam evidenciar o apelo aristocrático e popular da possibilidade em desafiar as leis de mesmo sem asas, poder alçar voo. Inclusive, os vestidos femininos com suas armações foram fator de analogia com os balões como nesta ilustração do final do século XVIII.



Figura 2 Acervo: Smithsonian and Air Space Museum.https://airandspace.si.edu/collection-objects/unititled-four-satirical-scenes-women-hoop-skirts/nasm_A20140811000

Em 1794 ocorreu o uso pelos franceses do balão cativo *l'Entreprenant*, sob comando do Capitão Coutelle, para fins de observação militar na Batalha de Fleurus.

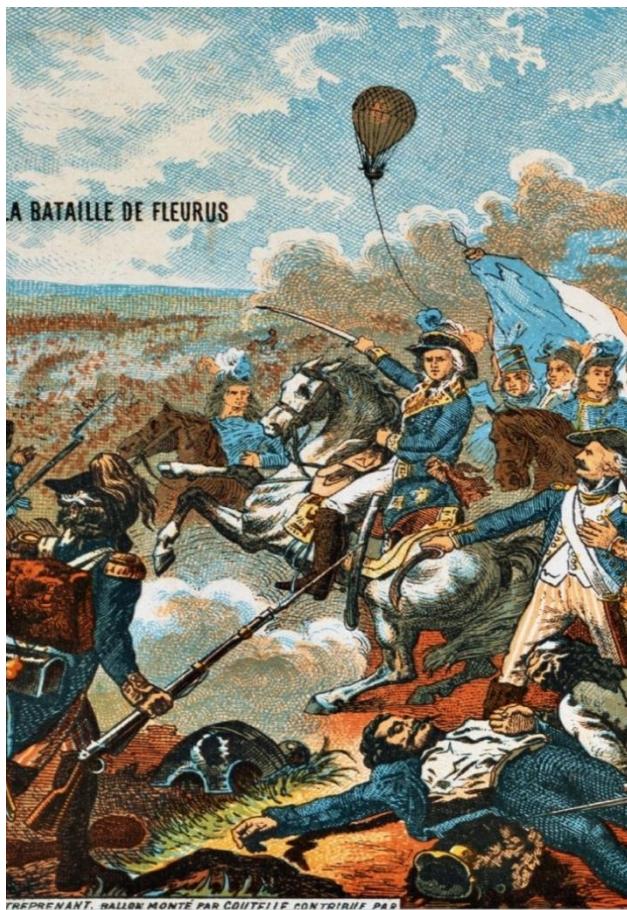


Figura 3 Ilustração de uma série de 10 com a Batalha de Fleurus e o uso do balão de observação. Paris, Romanet & Cia., 1890-1900. Acervo: Biblioteca do Congresso, Washington.

A Batalha de Fleurus evidenciou que os balões poderiam ser úteis para observar o cenário e o movimento das tropas inimigas. Isto era fundamental para estabelecer as táticas de ataque ou de defesa. Napoleão Bonaparte durante a Campanha do Egito em 1798 transportou o balão de Coutelle para uso militar, porém, o navio foi afundado pela esquadra inglesa no Mediterrâneo. A imagem de um balão sobrevoando as pirâmides de Gizé ficou apenas na imaginação.

Nas primeiras décadas do século XIX as experiências com balões se intensificaram buscando uma dirigibilidade mais segura e suas dimensões foram ampliadas. A imagem mostra a subida do “grande balão Motgolfier” voando do Royal Surrey Zoological Gardens em 24 de maio de 1838.



Figura 4 Acervo: Smithsonian Air and Space Museum.
https://airandspace.si.edu/collection-objects/ascent-great-montgolfier-balloon/nasm_A19680126000

Na Guerra da Secesão dos Estados Unidos (1861-1865) o balão cativo *Enterprise* pilotado pelo aeronauta prof. Lowe serviu ao Exército Nortista prestando serviços a Abraão Lincoln. O adido militar da Prússia Ferdinand von Zeppelin - que se tornou uma lenda futura na dirigibilidade de balões e dirigíveis - foi um observador *in loco* do *Corpo de Aerostação* do professor Lowe. Também na Guerra da Secesão o aeronauta James Allen fotografou o cenário de batalha em Richmond permitindo uma análise detalhada pelo comando militar. Desta forma se associou a técnica fotográfica com a tecnologia dos balões mostrando as possibilidades da fotografia aérea para a identificação espacial.

Na Guerra Franco-Prussiana (1870-1871) os balões livres também foram usados para observação militar e para retirada de dezenas de integrantes do governo francês da capital francesa sitiada. Se buscava manter a comunicação entre a Paris sitiada e outras regiões francesas. Além disso, durante o cerco de Paris pelos prussianos em 1871, o balão foi utilizado para o envio de correspondência rompendo o bloqueio que se fazia por terra. As cartas recebiam um carimbo postal: “par ballon monté” (por balão aerostático).

No caso da Guerra do Paraguai ou Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870) a utilização dos balões⁴⁶ teve influência da Guerra Civil Americana e os balões foram utilizados militarmente pela primeira vez na América do

⁴⁶ Tema pouco explorado pela historiografia brasileira. Conforme VAZ, Brás Batista. *Os Balões de Observação na Guerra do Paraguai: considerações historiográficas*. Rio de Janeiro: Revista da UNIFA, dezembro de 2012.

Sul. O contexto do conflito remetia a estagnação dos exércitos aliados numa planície repleta de pântanos, na proximidade das fortalezas paraguaias de Curupaiti e Humaitá. O período era de desolação entre as forças argentinas, uruguaias e brasileiras pela inviabilidade de fazer avanços no terreno. O Marquês de Caxias assumiu em novembro de 1866 o comando das forças brasileiras em Tuiuti e em fevereiro de 1867 passou a comandar todas as forças aliadas. Caxias reorganizou as forças brasileiras e defendeu o uso de um balão cativo para observação dos meios de defesa e posição dos paraguaios. Afinal, o uso de mangrulhos (posto de observação com pouca altura e construído com madeira) era insuficiente para a visualização de um ataque paraguaio para a observação da posição do oponente.

A fotografia mostra um “mangrulho” e a bandeira do Brasil Império em Humaitá no ano de 1867.



Figura 5 Acervo: Biblioteca Nacional, RJ.

As dificuldades para efetivar a aquisição do balão foram muitas: foi indicado o francês Luiz Desiré Doyen para construir um balão no Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro. Isto foi realizado e o aeróstato foi transportado em navio e depois em carretas até Tuiuti. O balão necessitava receber pintura de verniz e devido ao mau tempo foi dobrado e guardado sem ventilação adequada. O resultado foi uma reação química que provocou queima do material em vários lugares e inutilização do balão em 23 de dezembro de 1866.⁴⁷

⁴⁷LAVENÈRE-WANDERLEY, Nelson Freire. *Os Balões de Observação na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Cultural da Aeronáutica, 2017, p. 45.

O fracasso da tentativa com o francês Doyen fez a busca de balões se voltarem aos Estados Unidos. Foi realizado contato com o prof. T. S. Lowe que se destacou como aeronauta-chefe na Guerra da Secessão. Lowe indicou os irmãos James e Ezra Allen que aceitaram a missão de fazer subir balão cativo no cenário de combate. Dois balões foram transportados de Nova York (partida em 22 de março de 1867) até o Rio de Janeiro. Dali rumou para Montevidéu, seguindo pelo Rio da Prata e Paraguai até Tuiuti. A chegada ocorreu em 31 de maio de 1867. Os irmãos Allen tiveram dificuldades em produzir hidrogênio que era o resultado da reação química da limalha de ferro com o ácido sulfúrico. Foi utilizado apenas o balão menor que possuía 8,5 metros de diâmetro e 17.000 pés cúbicos de gás hidrogênio. O balão foi utilizado nos meses de junho a setembro de 1867.

O balão ficava cativo, preso por três cordas de amarração, possibilitando apenas dois tripulantes em cada voo. Entre trinta e cinquenta homens eram necessários para “sustentar as cordas de amarração do balão, para as manobras de subida e descida do balão e para os deslocamentos do mesmo durante a ascensão”.⁴⁸

O aeróstato subiu pela primeira vez em 24 de junho alcançando 330 metros de altura. Ocorreram várias “ascensões até fins de julho de 1867, mas as observações foram prejudicadas por nevoeiros e, ainda, pelas inúmeras fogueiras que os paraguaios faziam para

⁴⁸ LAVENÈRE-WANDERLEY, 2017.

dificultar a visão de suas posições".⁴⁹ Os paraguaios tentavam alvejar o balão ou as coradas de sustentação disparando tiros de canhão. No máximo fizeram alguns feridos entre os soldados que seguravam as cordas. Outra estratégia era queimar vegetação para produzir muita fumaça que impedisse a observação das posições paraguaias. O susto inicial de que o balão poderia ser uma arma desconhecida foi superada: habituaram-se e perderam o medo desde o momento em que se convenceram que de cima não era possível bombardear suas linhas."⁵⁰

A última ascensão ocorreu em 25 de setembro e os irmãos Allen foram liberados para partir para o Rio de Janeiro em dezembro de 1867. Encerrava o uso de balões de observação nesta guerra. A dificuldade para produzir hidrogênio e as condições meteorológicas desfavoráveis foram fatores que limitaram a utilização. Num terreno desconhecido e pantanoso, com forte presença militar paraguaia, o balão propiciou a observação do terreno e a busca de alternativas estratégicas para o Marquês de Caxias.⁵¹

⁴⁹ DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 295.

⁵⁰ SCHNEIDER, L. *A Guerra da Tríplice Aliança contra o Governo da República do Paraguai*. Rio de Janeiro: Editora Americana, 1876.

⁵¹ CASTRO, Adler Homero Fonseca de. *Aerostação: as primeiras experiências aeronáuticas no Brasil*. Rio de Janeiro: Revista UNIFA, julho/dezembro de 2019, p. 54.

Esta ilustração mostra o balão dos irmãos Allen, três grupos de soldados segurando as cordas e o cercado de proteção onde devia ficar estacionado:

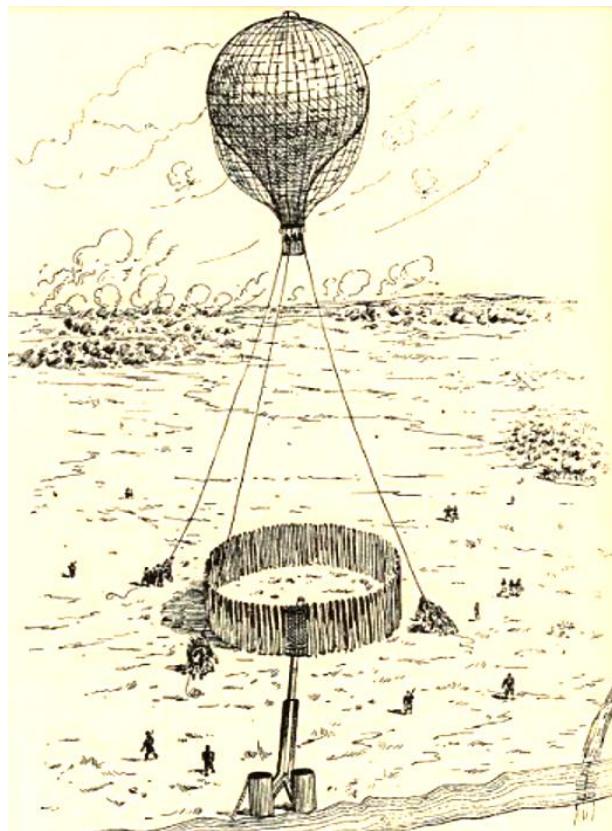


Figura 6 Reproduzido em DORATIOTO, 2002, p. 286.

A imagem mais difundida do balão foi elaborada por Ângelo Agostini no periódico do Rio de Janeiro A

Vida Fluminense de março de 1868. O título é “Vista geral do Theatro da Guerra”.

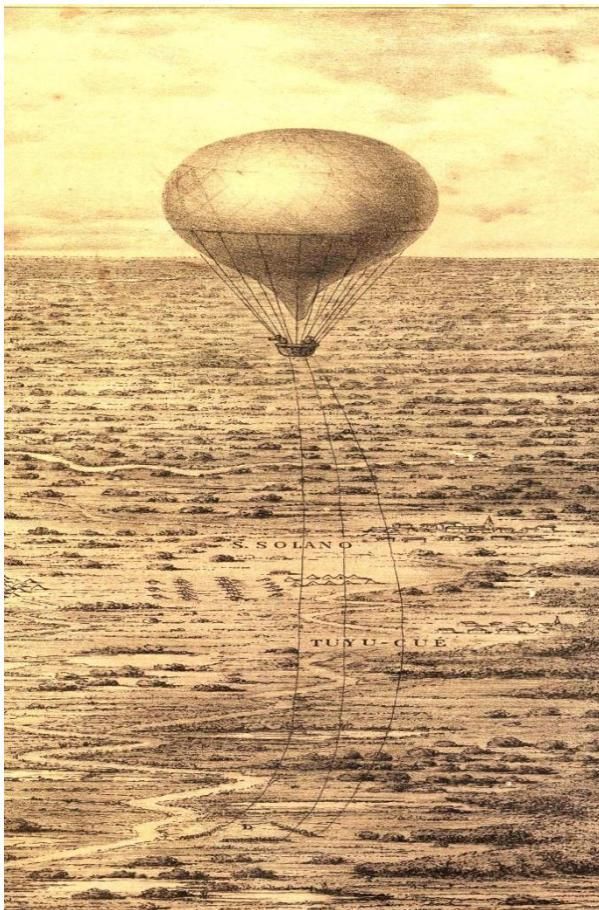


Figura 7 Acervo: Biblioteca Rio-Grandense.

O impacto do lançamento do balão de observação foi recebido com apreensão inicial por periódicos

paraguaios voltados a propaganda de guerra. A linguagem é jocosa, mas, repleta de escarnio, além de representações depreciativas e racistas sistemáticas nesta tipologia de periodismo:

Tal construção de um discurso racial a respeito dos combatentes brasileiros, retratados como negro-escravos pelos jornais de Assunção e pela folha de Paso Pucú é bastante conhecida. Além dos aspectos relacionados à tentativa de apresentar o inimigo como inferior a partir de teorias racialistas do período, havia também o forte ensejo de demonstrar que, em uma luta que postava, supostamente, escravos⁵² e homens livres em oposição no campo de batalha, claramente os dotes morais e guerreiros mais louváveis estariam do lado dos homens livres da República paraguaia.⁵²

Uma destas caricaturas foi publicada no jornal Cabichuí⁵³ mostrando Caxias como um negro que está

⁵² OLIVEIRA FILHO, Sergio William de Castro. O riso combatente: a sátira e o escárnio nos periódicos paraguaios durante a Guerra da Tríplice Aliança. *História*. São Paulo: UNESP, 2021.

⁵³ Cabichuí circulava duas vezes por semana e era impresso no quartel general paraguaio de Paso Pacu. Circulou entre 13 de maio de 1867 a 20 de agosto de 1868 com 95 edições. Era uma publicação voltada aos soldados paraguaios com caráter satírico e voltado à desmoralização das forças da Tríplice Aliança e enaltecimento dos combatentes paraguaios. Sua capa mostrava um negro (brasileiro) que era picado por Cabichuís (marimbondos) numa abordagem fundada sistematicamente na depreciação racial e moral.

empinando o balão o que seria um motivo para risos. Esta associação de Caxias com um escravo negro ou chamado de “macaco” é sistemática no periódico. No geral, os soldados brasileiros são “macaquito” e covardes. Ou seja, foram “animalizados” para mostrar sua inferioridade. Já o argentino Mitre o Uruguaio Flores são associados a vampiros que atacam nas “sombras de lanoche a chupar la sangre de sua hermanos y sus amigos”.⁵⁴



Figura 8 *Cabichuí*, 17 de junho de 1867.

⁵⁴ *Cabichuí*, número 3, 20 de maio de 1867. Os editores podem ter feito alguma leitura de literatura vampírica como John Polidori?

O Cabichuí busca minimizar e desprezar o uso do balão, o que não corresponde ao efeito prático, pois, disparavam os canhões e colocavam fogo para produzir fumaça que dificultasse a visualização de suas tropas. Nesta charge a “inutilidade” do balão remetia o seu uso a transportar quatro carroças.

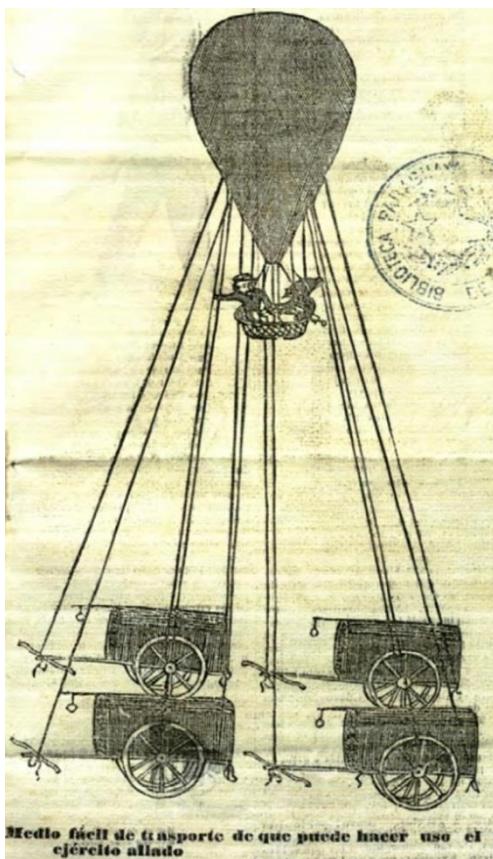
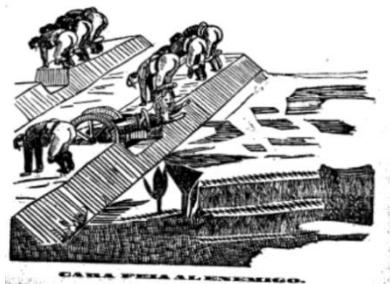


Figura 9 Cabichuí, 5 de setembro de 1867.

Outro jornal que circulava pelas trincheiras foi o *El Centinela*⁵⁵ que publicava textos, poemas e ilustrações voltadas a levantar o moral das tropas paraguaias. A resposta à presença dos observadores no balão foi à posição de bruços com a “cara feia ao inimigo”. Na matéria que acompanha a imagem está escrito: “a los negros com las nalgas” (nádegas). Mais a frente enfatiza: “dar fuego a los negros con la culata”.



Figura 10 “Cara feia ao inimigo”. *El Centinela*, n. 16, Asunción, 8 de agosto de 1867. Acervo: Biblioteca Nacional do Paraguai.



<http://bibliotecanacional.gov.py/hereroteca/el-centinela-1867>

⁵⁵ Periódico denominado “sério-jocoso” editado em Asunción e que circulou entre 25 de abril a 26 de dezembro de 1867. Foi dirigida pelo exilado boliviano Dr. Tristán Roca (fuzilado em agosto de 1868 a mando de Solano Lopez). Destinava-se aos soldados paraguaios com o objetivo de elevar o moral e retratar a Tríplice Aliança. Cultuava a personalidade de Lopez.

Em outra charge do *El Centinela* do dia 19 de setembro é realizado um deboche sobre o movimento de tropas brasileiro em que a cavalaria e infantaria são exclusivamente constituídas por “negros” (com alguns bebendo - fazendo referência ao suposto alcoolismo a que recorriam os soldados como fuga da guerra). A imagem busca traduzir uma suposta tentativa das tropas brasileiras serem erguidas pelo balão e lançadas sobre as tropas paraguaias.



Figura 11 *El Centinela*, n. 22, Asunción, 19 de setembro de 1867.
Acervo: Biblioteca Nacional do Paraguai.
<http://bibliotecanacional.gov.py/hereroteca/el-centinela-1867/>

As duas últimas imagens são do jornal *Cacique Lambaré*⁵⁶ que era editado em guarani. O periódico não estava voltado a ilustrações, somente utilizando como rótulo da primeira página (um modelo até o número três e outro a partir do número quatro) e em apenas mais uma imagem reproduzida no número cinco. O aeróstato deve ter impactado o imaginário guarani, pois, das três imagens reproduzidas, duas tinham relação com o objeto. O balão é representado (e reproduzido em dez números) na forma de três cabeças de dragões (Tríplice Aliança) que foram alvejados pelas flechas de um guerreiro guarani. Um leão, que representa a República do Paraguai observa a vitória da coragem frente à nova técnica.

⁵⁶ *Cacique Lambaré* surgiu em 24 de julho de 1867 e perdurou até setembro de 1868. Apenas treze números foram publicados inicialmente em Asunción e depois em Luque. Era editor Victor Simón. A partir do número 4 passou a se chamar *Lambaré*.



Figura 12 *Cacique Lambaré*, Asunción, 5 de setembro de 1867.

A outra imagem foi reproduzida na edição número cinco e possui uma legenda em português. É como se tivesse sido feita para leitura pelos brasileiros. Na charge D. Pedro II estaria visitando o Mato Grosso e necessitava de novos contingentes para a luta, pois, seu exército⁵⁷ teria sido dizimado pelos paraguaios e pela “maldita peste negreira” (referência à epidemia do cólera que passa a ser associada aos negros/brasileiros). Observam-se, sendo todos negros: uma mulher grávida, três crianças e um soldado sentado no balão, ou seja, “os brasileiros e brasileiras”.

⁵⁷ O reducionismo periodista em foco reduz às tropas brasileiras a presença de negros escravos. SALLES considera que o contingente de escravos era de 7% ou 8.500 frente a 123.000 combatentes brasileiros. SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.



Figura 13 Lambaré, 26 de setembro de 1867.

Desde a invenção dos balões tripulados em 1783 uma vasta iconografia foi desenvolvida buscando reproduzir o fenômeno e suas implicações sociais, culturais, militares etc. Na Guerra do Paraguai esta inovação tecnológica mobilizou um grande esforço brasileiro na viabilização do uso para reconhecimento do terreno e das tropas paraguaias. Já os paraguaios expressaram através do ridicularizar e satirizar (o riso⁵⁸ aplicado à animalidade e bestialidade do inimigo) à inconveniência em se sentirem observados das alturas. Acabaram produzindo imagens anedótico-depreciativas ou de superioridade frente ao uso de aerostatos. Se o

⁵⁸ A comicidade voltada a “aviltar, degradar, humilhar pelo riso”. MINOIS, G. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Editora da UNESP, 2003.

humano (brasileiro) é posto como animalizado a técnica deve ser transposta ao pífio e inócuo. Será apenas um prolongamento da irracionalidade dos brasileiros.

O uso militar da conquista da troposfera também passou a ter uma funcionalidade bélica quando da invenção do avião na década de 1910. A Primeira Guerra Mundial realizou a inserção dos aviões ao esforço de reconhecimento do inimigo e do seu bombardeamento. Além de demarcar o início dos combates aéreos. A extraordinária evolução dos balões com o Zeppelin também foi assimilada ao esforço de guerra: os dirigíveis alemães passam a lançar bombas em Londres em 1915. Apropriações bélicas das tecnologias, discursividades escritas e construções discursivas imagéticas marcaram a trajetória das invenções que levaram a conquista do ar. A documentação da Guerra do Paraguai que foi parcialmente analisada tem um elevado potencial para ampliar a discussão das relações entre técnica, política, nacionalismo, racismo e construção ideológica através do periodismo.

O Conde D’Eu visita Porto Alegre: considerações sobre sua passagem pela capital sul-rio-grandense no início da Guerra do Paraguai (1865)

Marcelo França de Oliveira*

Gastão de Orléans, príncipe consorte casado com a herdeira do trono imperial brasileiro, Isabel de Bragança, visitou o Rio Grande do Sul em duas ocasiões: a primeira, por ocasião do início da Guerra do Paraguai, quando a então província fora invadida em 1865 pelas tropas de Solano López, e a segunda vez em 1885. Este capítulo trata dos registros efetuados por ele mesmo em seu diário⁵⁹, em sua primeira estada, especificamente no tocante às observações e impressões sobre a capital provincial, Porto Alegre, antes de dirigir-se para a fronteira oeste.

Os diários pessoais podem ser caracterizados como documentos de natureza testemunhal, e por meio

* Doutor em História da Literatura (FURG). Doutorando em História pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

⁵⁹ ORLÉANS, Gastão (Conde D’Eu). *Viagem militar ao Rio Grande do Sul: agosto a novembro de 1865*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1936. A obra está disponibilizada, na íntegra, em <http://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/143.+>

deles, “compreender as práticas culturais de uma época, ressaltar elementos para o entendimento de vidas” tanto de indivíduos “comuns” ou que tiveram algum destaque em seu meio, como o caso do Conde D’Eu, aqui explorado, ou “entrecruzar fatos e tempos e analisar os diferentes sentidos que os marcaram”, sempre se levando em conta que tais documentos são “atravessados pelas tensões e dilemas do mundo ao qual se inserem”, ou melhor, no qual foram produzidos.⁶⁰

Tais registros não são uma fonte histórica de uso exatamente recente pela historiografia sul-rio-grandense, ao contrário: tais relatos, compilados e editados especialmente durante o século XX, são um recorte privilegiado daquilo narrado por olhos estrangeiros – ou, ao menos, daquilo que julgaram importante registrar e, especialmente até os jornais se tornarem mais abundantes por aqui, (justamente após o final do conflito sul-americano) são materiais ricos e bastante utilizados para se construir um entendimento histórico desta parte de colonização tardia do País.⁶¹ Escritos em sua maioria por “homens de paz e guerra”, mas os últimos, “porque a implantação de um estilo de vida luso-brasileiro, nesta extremadura, exigiu esforço continuado”, levando os

⁶⁰ CUNHA, Maria Teresa. Diários pessoais: territórios abertos para a História. In PINSKY, Carla B; DE LUCA, Tânia R. (Orgs). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 251-253.

⁶¹ Ao considerarmos que sua fundação oficial, a 19 de fevereiro de 1737, inicialmente como entreposto de apoio logístico e militar à Colônia do Sacramento, no Prata, portanto no século XVIII, em contraste com outras áreas colonizadas/exploradas há mais tempo, mormente o litoral do Nordeste e Sudeste.

sul-rio-grandenses a um estado de sucessivos e “sangrentos conflitos com o conquistador espanhol e seus descendentes”.⁶²

De fato, pela condição de região fronteiriça, outras áreas da província tinham mais peso estratégico, econômico e mesmo político, durante o século XIX, em especial as fronteiras (com o Uruguai e Argentina), e, ao final do século, a rica região das colônias de imigrantes (em especial a alemã e a italiana), na região do Vale do Rio dos Sinos e a Serra. Porto Alegre, embora capital, durante o Império era “sem importância, pobre e marginalizada, que não gozava das benesses das Corte Imperial”, sofrendo forte concorrência do Prata, tributária das guerras, além da sua “excentricidade econômica e às dificuldades de navegação”, em cujo centenário de fundação, em 1872, “a cidade mal rondava os 28 mil habitantes, entre brancos e negros, livres e escravos”.⁶³ Isso não passou despercebido e consta nas observações registradas pelo genro de D. Pedro II.

Aliás, é importante destacar que as presenças tanto do monarca quanto de seu genro, se explicam pela situação do país e da própria região que extrapolam a própria guerra em si, apesar, é claro, de dialogar com ela. A despeito da “pouca importância” da capital, o deslocamento do imperador obedeceu a um apelo simbólico muito forte, caro ao país e em específico à província sulina: o Brasil, sobretudo após a Questão

⁶² CESAR, Guilhermino. *Primeiros cronistas do Rio Grande do Sul (1605-1801)*. 3^a ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998, p. 10.

⁶³ FRANCO, Sérgio da Costa. *A velha Porto Alegre*. Porto Alegre: Edigal, 2015, p. 12.

Christie, necessitava reagir de imediato à invasão do território nacional. Segundo o historiador José Murilo de Carvalho, a expressão “honra do Brasil” tornou-se uma espécie de bordão nas declarações do imperador, e sua primeira atitude foi de se dirigir à zona de conflito como o primeiro “voluntário da Pátria”, a despeito da contrariedade deste ato por parte do Conselho de Estado. A atitude visava duas frentes: a primeira, e mais óbvia, a adesão do voluntariado, pois o exército brasileiro dispunha de um pequeno contingente de apenas 16 mil homens. A segunda dizia mais respeito ao próprio Rio Grande do Sul, indispensável para a manutenção do futuro Estado para a defesa da fronteira, uma vez que, dada a sua geografia, seus habitantes eram os primeiros a sofrer e enfrentar os perigos dos vizinhos. Ainda segundo Carvalho, “a presença do imperador era essencial para garantir a lealdade dos gaúchos e estimular sua disposição para a luta”.⁶⁴ Convém lembrar que, após o final da Revolução Farroupilha, em 1845, o imperador também esteve presente em terras sulinas em um esforço de aproximar (e apaziguar os ânimos) dos sul-rio-grandenses com o governo nacional monárquico. É nesse contexto que se explica a presença dos expoentes masculinos da família imperial em território gaúcho, durante a Guerra do Paraguai.

Os primeiros registros de sua passagem por Porto Alegre⁶⁵ ocorrem no dia 7 de agosto de 1865, e dão

⁶⁴ CARVALHO, José Murilo de. *Dom Pedro II*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 110-111.

⁶⁵ ORLÉANS, op. cit. Os excertos que dão suporte a este capítulo estão entre as páginas 33 a 43, e não serão informadas no decorrer do texto para preservar a fluidez narrativa.

conta de sua experiência pessoal durante a sua viagem até ali. Textualmente, inicia com a expressão “Noite péssima”, causada por avarias na embarcação: o leme havia quebrado à 1h da manhã, tendo permanecida em conserto até as 6h da manhã, sob “um alarido insuportável” e “violentos balanços”, com uma mudança brusca da direção do “vento seco que se chama pampeiro, porque vem dos pampas do interior do continente”.

Quando finalmente avista a cidade, suas impressões são de que ela é “toda em rampa, como o Desterro [atual Florianópolis, capital de Santa Catarina], e cobre as encostas de um outeiro quase inteiramente rodeado pelas águas”. Após narrar as desventuras do desembarque (a Lagoa dos Patos seria mais “violenta” do que fora o Oceano, por exemplo) e a recepção das autoridades locais, afirmou que não havia “notícias novas” vindas do interior ali em Porto Alegre. “Supunha-se que o imperador estivesse ainda em Cachoeira [do Sul]”. Quanto à guerra, “o que de mais recente se sabia era a passagem do [rio] Ibicuí, que o inimigo efetuara, ao que parecia sem resistência de nossa parte”. Ao relatar tais trechos, parece querer demonstrar a desconexão, quem sabe até mesmo um desinteresse, da capital em relação ao conflito que se abatia sobre a sua fronteira, seja na falta de “notícias novas” ou sobre a não resistência frente ao avanço paraguaio. O descontentamento com a comunicação precária, e talvez com uma certa indolênciia do povo, ainda seria sentida quando informa que, a pedido do presidente da

Naturalmente, as aspas são transcrições literais dos registros do autor.

província, fora despachado um correio por terra para avisar o imperador de sua chegada, mas que “pouco depois o correio voltou com a notícia de que um dos rios, que era preciso passar, já não oferecia vau”.

Depois de tratar com as autoridades sobre o seu transporte para o interior (que aconteceria, segundo ele, “nas próximas 24 horas”), escreveu que decidira “passar a pé pela cidade” destacando que estava “sempre gelado” pelo vento pampeiro, foi fazer o que pareciam inspeções às instalações militares da capital. Chamou sua atenção uma companhia de artilharia que estava fazendo exercícios militares, que, segundo ele, “tinha a particularidade de ser toda composta de indivíduos de origem alemã, uns que tinham vindo da Europa, outros [...] cidadãos brasileiros”. Os oficiais também eram da mesma origem, e as vozes de comando eram dadas em alemão, destacando as medalhas e honrarias recebidas no Velho Continente e também em terras sul-americanas, mas que, “a influência brasileira” havia “suavizado, em parte nesses senhores a rigidez germânica”. Notou que até mesmo um Cabo que ostentava um distintivo de nove anos de serviço ativo no exército prussiano, e que, “Cabos como este constituem para estes soldados imensa vantagem, em relação à sua instrução militar, sobre todos os outros voluntários”. Tal registro denota a sua visão sobre o corpo militar brasileiro, argumento hoje aceito pela historiografia como sendo pouco organizado e preparado⁶⁶, à época,

⁶⁶ Sobre tal assunto, ver, entre outros: CASTRO, Celso. *A invenção do Exército brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002 e LIMA, Luiz Octavio Augusto de. *A guerra do Paraguai*. São Paulo: Planeta, 2016.

em comparação com os seus congêneres europeus, que seriam, na visão do príncipe, mais “preparados” e teriam muito a ensinar aos locais.

Também relata que, na volta de sua andança, entrou em um quartel que continha dois batalhões de voluntários, um do Rio Grande do Sul, outro de Pernambuco. “Não estão bem alojados, ainda assim, muito melhor do que os do Desterro [atual Florianópolis]”. Destaca que, entre os oriundos de Pernambuco, “vê-se em muitos rostos o tipo do caboclo, nome que se dá no Brasil a todo indígena de raça americana, quer seja civilizado, quer não”. As ideias raciais baseadas em etnia, origem ou anatomia são apresentadas de acordo com a percepção eugenista da época, novamente hierarquizando povos como “melhores” ou “piores”. Segundo o Conde, o caboclo era “um tipo de nariz grande, testa retraída e olhos alongados e suaves que revela, a meu ver, **menos inteligência que o das raças africanas**” [grifo meu]. Entre os homens da província sulista, afirma que havia “25 de língua alemã”, que pediam “com muito empenho que os transfiram para a companhia em que se comanda em alemão”.

Não era apenas no elemento humano que o príncipe parecia, de certo modo e na ausência de termo mais apropriado, “depreciar” no que havia de local. Naquele mesmo dia, afirma, “passou-se o serão a discutir com o presidente, com o almirante Parker e com os seus oficiais acerca das disposições que devíamos tomar para viajar ao interior”, sobretudo, destaca, “os arreios dos cavalos” e que haviam chegado a um acordo que, “por maiores que fossem os méritos dos arreios usados nesta região, o sistema do selim inglês era o mais

cômodo". Além disso, afirma que "quanto aos tão gabados cavalos da província do Rio Grande do Sul, confesso que não os vi em Porto Alegre". Achou que na cidade havia muito entulho, a catedral era "muito humilde igreja", que ficava em frente a um teatro (Teatro São Pedro) "de dimensões desproporcionadas em relação aos outros edifícios". O pampeiro, seu maior inimigo declarado em terras sul-rio-grandenses (provocou-lhe "constipação", na véspera), era também acusado de influenciar na própria geografia e paisagismo local: "vegetam na praça quatro palmeiras, cujos enfezados ramos parecem gemer de frio, curvados sob a violência do pampeiro". Também para se proteger do gélido vento, apontou ter visto muitas lojas e em quase todas "o famoso poncho, traje condicional da região", mas que não seria nem o da infantaria espanhola nem o poncho comprido dos mexicanos, mas "o daqui é simplesmente uma capa de pregas muito largas, cortada em círculo à altura dos joelhos e que não tem outra abertura senão a do centro", o que causava o "inconveniente do traje", afinal os braços ficavam dentro, e "para usá-los, é preciso levantar e sustentar um dos lados da capa".

Narrou também um aspecto peculiar que encontrou em outra andança: quando chegou a um quartel, "ou antes, nos dois corredores escuros onde foram alojados (provisoriamente, segundo me dizem) os pobres paraenses que vieram no [navio] Santa Maria". Prossegue o príncipe:

O que me causou menos agradável surpresa foi encontrar quatro mulheres miseravelmente vestidas acocoradas, cosidas umas com as outras, no

canto mais escuro do alojamento. Um soldado, direito como uma estaca, ao pé deste grupo, parecia estar de guarda às mulheres. Apurado o caso, soube-se que eram mulheres de soldados de outro corpo, que tinham alugado este canto da sala antes da chegada do batalhão paraense: consentiu-se com efeito que os voluntários levasssem consigo a bordo e em campanha as suas mulheres, e mesmo os filhos, e vieram muitas, sobretudo do Norte, com os soldados de raça indígena, raça que, mais que nenhuma outra, liga importância aos laços de família. Quando eu tal soube pareceu-me isto um enorme abuso, muito prejudicial à disciplina e à mobilidade das tropas. Todavia os comandantes dos batalhões, longe de se queixarem desta concessão, asseguravam que estas mulheres prestam muitos serviços, que andam muito bem a pé, com os filhos às costas, e que, sobretudo, quando os maridos estão no hospital, sabem desempenhar com dedicação o serviço de enfermeiro [sic]. Mas, não seria muito mais favorável à regularidade do serviço, e igualmente eficaz, mandar vir para os hospitais militares Irmãs de Caridade francesas, das quais há no Brasil perto de trezentas? E se os estabelecimentos de caridade particulares do Rio de Janeiro e de outras cidades do Centro e do Norte que dispõem destas admiráveis mulheres se não prestassem a ceder ao Governo os seus serviços, podiam-se mandar vir Irmãs de França.

A estranheza e o espanto duplo, tanto com a presença de mulheres acompanhando os voluntários do Norte, como com a ciência e permissividade dos oficiais superiores com tal prática, revelam tanto a percepção do genro do imperador de o quanto nosso exército ainda teria de aprender, como que ele próprio também ainda teria muito a aprender sobre o povo do país que agora

era sua morada. A realidade sul-americana, em geral, era também uma ilustre desconhecida do conde, uma vez que mulheres paraguaias não só acompanhavam os homens na guerra como também foram convocadas às armas.⁶⁷ Mesmo a solução proposta, “importar” Irmãs francesas, soava deslocado, demorado e caro, em um local onde tudo era improvisado porque tudo estava em processo de constituição (a nação soberana, o próprio exército, e a província mais afetada, a do Rio Grande do Sul, em colonização muito recente em comparação ao resto do país).

Ainda sobre os voluntários que teve contato, e mesmo se esforçando para parecer afeito a outras etnias que não apenas as europeias, em dado momento suas próprias palavras denunciavam o contrário. Por exemplo, quando destaca que viu um “lindo batalhão” oriundo das províncias do Paraná e Santa Catarina, que “faziam exercícios na praça do Palácio” do governo local. Segundo Gastão de Orléans, esse corpo tinha “muito mais brancos que os batalhões do Norte e, **sem embargo da minha simpatia pelas raças não-europeias, vejo-me obrigado a confessar que o elemento branco não prejudica o aspecto nem de conjunto nem de pormenores**”, seja lá o que tal signifique. O grifo é meu, para destacar a incongruência da frase, com uma expressão atenuante inicial de ressalva e, logo após, uma afirmação de aprovação/preferência pelo elemento branco/euro descendente. E, mesmo assim, a comparação com os pares de seu continente de origem evidenciava um traço de inferioridade dos nativos em relação àqueles:

⁶⁷ LIMA, op. cit. p. 187.

[...] todavia não se podia dizer que fossem, na maior parte, homens de muito boa figura. A sua estatura era, na média, inferior mesmo à média que se observa no Sul da Europa, e havia entre eles grande proporção de mancebos imberbes que, segundo suponho, ainda não tinham vinte anos.

A última informação de sua passagem por Porto Alegre, antes de partir em definitivo ainda “constipado”⁶⁸ pelo pampeiro, foi a solicitação feita por um fotógrafo que fosse retratado em trajes típicos gaúchos, “de poncho e chapéu mole”. Não encontrei esse registro, mas uma imagem muito semelhante, feita também em estúdio, creditada como oriunda de sua segunda passagem pela capital sul-rio-grandense, em 1885 (figura 1). O conde francês traveste-se de local em uma tentativa de “incorporar”, ou, quem sabe, simbolizar uma liderança, de certa forma, conectada ao povo a que se juntava. A se levar em consideração seus julgamentos do que por aqui encontrou, a fotografia evocava mais contornos de caricatura. Sendo obrigado a sair da corte e percorrer as entradas do Brasil para uma guerra cujo desfecho ainda era uma incógnita, viu-se obrigado a ter contato com terras, povos e culturas de um país continental que até então desconhecia em sua profundidade, afinal, casara-se com a herdeira do trono brasileiro havia menos de um ano, em outubro de 1864. Sua incipiente estada, até aquele momento, na sede da monarquia situada no Rio de Janeiro, não o tinha

⁶⁸ Provavelmente se referia a uma constipação nasal, ou algum tipo de resfriado, dada a associação com o gélido vento que não lhe deu sossego em Porto Alegre.

apresentado ainda ao Brasil (ou aos “brasis”), que a guerra estava, forçosamente, fazendo-o conhecer. Talvez pensasse o príncipe que o retrato feito em Porto Alegre, e registrado em seu diário, fosse a imagem prenunciadora de uma possível derrota da Tríplice Aliança para Solano López, uma vez que tudo o que aqui via era equivocado, ruim ou insuficiente. Pelo menos, estes são os indícios a partir de suas memórias registradas; o que ele disse ou comentou em privado e que a História ainda não tomou par poderia confirmar ou refutar tal afirmativa. Talvez, nunca saberemos de fato, exatamente, o que imaginava naquele momento em que registrava em seu diário pessoal sua jornada pelas terras do Sul, mas, levando em conta o que registrou, é possível afirmar que sua passagem por Porto Alegre, a capital da primeira e mais afetada província na Guerra do Paraguai foi mais desencorajadora do que encorajadora, mais pessimista do que otimista, e revelou algumas crenças e modos de pensar tipicamente eurocêntricos.

Não foram, portanto, boas impressões que levou de Porto Alegre, ao contrário: surpresas, desencantos e, como uma espécie de bônus (ou um revide telúrico), levava também uma “constipação”.



Figura 1: retrato de Gastão de Orléans, o Conde D'Eu, creditado como sendo de sua segunda passagem por Porto Alegre, segundo o Wikimedia Commons, mas muito parecido com o narrado em seu diário.

Fonte:

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Gaston_of_Orl%C3%A3es_Count_of_Eu_dressed_as_a_Gaucho_1885.jpg acesso em 21/out./2021.

Olhares francófonos sobre a ofensiva de Solano López (dezembro 1864- agosto 1865)

Reto Monico*

A guerra relâmpago planeada pelo presidente do Paraguai constitui a primeira fase deste longo conflito. Na nossa análise dos olhares francófonos sobre esta contenda, vamos começar pelos relatos enviados pelo cônsul francês em Assunção, completando-os com os comentários jornalísticos.

A ofensiva paraguaia dura cerca de nove meses e começa em dezembro de 1864 no Mato Grosso que é a província «mais isolada e indefesa do Brasil»⁶⁹. As tropas de López conquistam o forte de Coimbra, já abandonado

* Reto Monico nasceu em 1952 na Suíça italiana. Licenciou-se em História em 1977 na Faculdade de Letras da Universidade de Genebra. Doutorou-se em 2003 com a tese *Suisse-Portugal: regards croisés (1890-1930)*, publicada em 2005. Nos seus trabalhos analisa a imagem dada pela imprensa mundial sobre aspectos e acontecimentos da História contemporânea de Portugal e do Brasil.

⁶⁹ DORADIOTO, Francisco. *Maldita guerra. Nueva historia de la Guerra del Paraguay*. Buenos Aires: Emecé Editores, 2004, p. 91. «Ces événements ont excité au Brésil une très vive indignation. Il n'a qu'une voix dans tout d'empire pour demander la guerre [...]», *Le Constitutionnel*, 25 de fevereiro de 1865, que cita uma correspondência do Rio enviada a 24 de janeiro publicada pelo *Morning Post*.

pelos seus defensores, nos últimos dias do ano; nas duas primeiras semanas de 1865, ocupam as colónias militares de Miranda e Dourados, a aldeia de Nioaque, as vilas de Corumbá e de Miranda. A 24 de abril, os paraguaios entram em Coxim, o ponto máximo da sua expansão, mas ficam a mais de 350 quilómetros de Cuiabá. Por conseguinte, não conseguem alcançar um dos objetivos principais: a conquista da capital do Estado.

O Brasil não fica de braços cruzados face ao apresamento do *Marquês de Olinda* e à invasão desta sua província, que «causou indignação»⁷⁰ no país, e mobiliza-se: a 7 de janeiro, por decreto, são criados os Corpos de Voluntários da Pátria; a 21 do mesmo mês, com um outro decreto, convocam-se 15 000 guardas nacionais para «fortalecer o Exército», embora estes milicianos não demostrem um grande entusiasmo. Muitos desertam⁷¹.

A segunda fase do plano de López tem como alvo os militares brasileiros no Uruguai. Para atingir este objetivo, precisa atravessar o território argentino, e, nomeadamente, a província de Corrientes. É por essa razão que, a 14 de janeiro de 1865, envia uma missiva ao presidente Mitre para ter a autorização de passar por esta província. A carta é entregue a 6 de fevereiro ao Ministério dos Negócios Estrangeiros em Buenos Aires. Poucos dias depois, chega a inevitável resposta negativa do executivo argentino.

Por conseguinte, o Paraguai começa os seus preparativos militares: a 29 de março, declara a guerra à Argentina; a 13 de abril, uma frota de cinco navios

⁷⁰ *Ibid*, p. 104.

⁷¹ *Ibid*, p. 106.

captura dois navios/embarcações argentinos no porto de Corrientes e leva-os até Humaitá com 50 prisioneiros; no dia seguinte, invade a cidade, abandonada pelos seus defensores.

Apesar das tentativas de José Berges, o ministro dos Negócios Estrangeiros do Paraguai⁷², que chega à cidade ocupada a 16 de abril, não conseguem nenhuma colaboração por parte dos habitantes e, sobretudo, dos principais chefes da província, na qual os soldados invasores começam a cometer abusos e saqueios. Esta falta de apoio torna praticamente impossível a realização do plano do presidente do Paraguai. As tropas do Estado guarani ficam cerca de cinco meses na cidade⁷³.

Tudo isto provoca a mobilização militar da Argentina e acelera a conclusão da aliança entre os dois grandes países da América do Sul. A 1 de maio, em Buenos Aires, Almeida Rosa⁷⁴, enviado especial do

⁷² José Berges (1814-1868) foi nomeado ministro em 1862. Preso em março de 1868, foi executado em dezembro do mesmo ano.

⁷³ A 25 de maio, forças argentinas comandadas pelo general Paunero e com o apoio de soldados brasileiros ocupam a cidade que abandonam no dia seguinte. «*La place a été enlevée avec une grande énergie par les Argentins, malgré la résistance opiniâtre et la supériorité numérique des soldats de Lopez, qui ont déployé un grand courage, Les Argentins ont cependant été ultérieurement contraints de battre en retraite devant un retour offensif de l'armée paraguayenne tout entière.*». *Journal de Bruxelles*, 22 de julho. Cf. também *L'Illustration* de 29 de julho, p. 66.

⁷⁴ Francisco Otaviano de Almeida Rosa (1825-1889) é um advogado, jornalista, político e poeta brasileiro que substitui o Conselheiro Paranhos na Missão do Rio da Prata.

governo imperial, Rufino de Alizalde⁷⁵, e Carlos Castro⁷⁶ assinam o Tratado da Tríplice Aliança contra o Paraguai. O objetivo principal é a luta contra o governo de Assunção e a deposição de Solano López.

A 11 de junho, tem lugar uma batalha fluvial no Paraná, em frente do estuário do Riachuelo, perto de Corrientes, entre a frota brasileira com nove navios e a do Paraguai, composta de nove navios e de seis *chatas*⁷⁷. Depois de uma batalha renhida, indecisa durante várias horas, a armada imperial consegue destruir cinco navios inimigos, obrigando à fuga os restantes quatro. É uma grande derrota para o Paraguai que é submetido ao bloqueio na navegação fluvial.

Iniciado a 10 de junho, o ataque ao Rio Grande do Sul constitui a última ofensiva das tropas do Estado guarani que entram em São Borja dois dias depois. A 5 de agosto, tomam posse de Uruguaiana, cidade abandonada pelos seus habitantes, ponto final da guerra relâmpago planeada pelo presidente paraguaio.

⁷⁵ Rufino de Alizalde (1822-1887). foi Ministro argentino dos Negócios estrangeiros de outubro de 1862 até setembro de 1867 e de julho de 1877 a outubro de 1879.

⁷⁶ Carlos de Castro (1835-1911), doutor em jurisprudência em Génova, é ministro dos Negócios Estrangeiros uruguaios de fevereiro de 1865 até maio do ano seguinte.

⁷⁷ Baterias flutuantes: embarcações de pequeno calado, de baixa altura, rebocadas até ao lugar do combate.

I. Os acontecimentos

a) O ataque ao Mato Grosso

Laurent-Cochelet⁷⁸ alude pela primeira vez a este ataque na carta de 12 de dezembro de 1864, quando fala dos preparativos para «uma expedição militar na fronteira brasileira», com vários milhares de soldados. Na opinião do cônsul, López quer aproveitar a fragilidade da defesa brasileira e «lançar um corpo [expeditionário] suficientemente numeroso para assegurar o êxito». Dez dias depois, confirma que, a 15 do mesmo mês, cerca de quatro mil homens saíram da capital rumo a Concepción, no alto Paraguai, onde já estacionam outros seis mil soldados.

Em janeiro, chegam a Assunção as notícias das primeiras vitórias contra os brasileiros no Mato Grosso. Na carta de dia 6, informa o seu ministério da tomada das duas aldeias de Miranda e de Dourados e sobretudo de Coimbra, «a primeira fortificação brasileira no alto Paraguai», onde os soldados paraguaios conseguem recuperar uma importante quantidade de material militar e nomeadamente trinta e sete canhões. Embora o boletim de guerra local não forneça as estatísticas das perdas, o cônsul considera ter havido «cerca de trezentos paraguaios gravemente feridos, transportados a Concepción para serem operados»⁷⁹.

⁷⁸ Émile Laurent-Cochelet (1832-188) fica quatro anos na capital paraguaia, de junho de 1863 até setembro de 1867.

⁷⁹ Doradioto fala de cerca de 200 paraguaios mortos ou feridos, *Ob. Cit.* p. 94. Thomas Whigham é mais preciso: 164 mortos e 42 feridos. WHIGHAM, Thomas. *La Guerra de la Triple Alianza*.

«Esta vitória, embora talvez tenha tido um preço alto», vai dar coragem aos soldados paraguaios, comenta o cônsul. É celebrada com bailes e até com um «*Te Deum* na catedral», em presença dos representantes do corpo diplomático. Só o cônsul e o vice-cônsul de Portugal não participaram na cerimónia.

A notícia da tomada de Corumbá chega à Assunção a 14 de janeiro, por conseguinte dez dias depois da entrada sem combates das tropas na vila, abandonada com demasiada pressa pelos seus defensores⁸⁰. O cônsul escreve que isto fazia parte de um plano concebido pelos brasileiros que queriam «afastar [as tropas paraguaias] das suas bases de operação», o que é contestado pelos historiadores⁸¹. O mesmo põe em dúvida o número de mortos oficiais, mas observa que «é preciso aceitar estes boletins sem fazer comentários». Um alfaiate francês que tinha feito uma observação a propósito da «forte desproporção entre as perdas dos

Vol. I, Assunção: Tauros Editora, 2011, lugar 3835 [Consultei uma versão digital *Kindle* deste livro, indisponível na Europa, que não indica as páginas, mas «lugares». Este primeiro volume tem 11008 lugares.]

⁸⁰ Carta de 14 de janeiro de 1865. Na carta anterior, já citada, o cônsul previa maiores dificuldades para os soldados paraguaios para conquistar Corumbá.

⁸¹ Luc Capdevilla nota que estas «fugas repetidas revelam mais a desorganização e a falta de calma» dos comandantes militares destas localidades. [*Une guerre totale. Paraguay, 1864-1870*). Rennes: Presses Universitaires, 2007, p. 336, nota 2] Francisco Doradioto, que justifica o abandono de Coimbra, pensa, no entanto, que teria sido possível organizar uma defesa em Corumba. *Ob. cit*, p. 96.

dois lados [...] foi expulso do Círculo Nacional⁸²» e está à espera do pior.

Laurent-Cochelet aborda também a sorte dos prisioneiros brasileiros, abandonados na floresta, juntamente com os índios, numa zona onde «a miséria é muito grande». No fim desta carta de 14 de janeiro, o representante francês em Assunção faz algumas considerações sobre as reações do Brasil, «completamente surpreendido pela brusca maneira com a qual o Paraguai começou as hostilidades. Na sua opinião, vai levar tempo, mas o que é certo é que «o Brasil vai fazer os maiores sacrifícios e esforços para triunfar na sua luta contra o Paraguai».

Na carta seguinte⁸³, narra a chegada de alguns prisioneiros «agrilhoados», nomeadamente três oficiais da canhoneira *Anhambai*, entre os poucos sobreviventes da terrível batalha de 8 de janeiro entre este navio e o vapor paraguaio *Iporá*⁸⁴: «É a magnanimidade com a

⁸² Trata-se do *Club Nacional*, fundado por Francisco e Benigno López. Era um «ponto importante da sociabilidade pública», onde se organizavam as grandes festas do regime. CAPDEVILLA, Luc, *Ob. cit.*, p. 288, nota 1.

⁸³ Carta de 28/30 de janeiro.

⁸⁴ As tropas de López foram acusadas de massacres, entre outras atrocidades, de terem cortado as orelhas dos brasileiros e de tê-las estendido ao cabo da proa. CAPDEVILLA, Luc, *Ob. Cit.*, p. 339, nota 1; DORADIOTO, Francisco, *Ob. Cit.*, p. 97; Thomas Whigham escreve que este rumor se baseava «no duvidoso testemunho de um brasileiro que tinha ido ao Mato Grosso», mas que «não assistiu a nenhum combate e nem sequer pôs os pés no território ocupado». De qualquer forma, sublinha o historiador americano, «na América do Sul acreditaram nesta história de atrocidades e isso ajudou a criar

qual o jornal oficial vangloria-se de tratar os prisioneiros brasileiros», ironiza o cônsul.

* * *

Na imprensa, as notícias sobre a invasão do Mato Grosso são publicadas em fevereiro de 1865⁸⁵. A 9, *La Presse* insere um telegrama de Southampton⁸⁶ da antevéspera que anuncia a partida das tropas de López para o Mato Grosso; a 17, tal como o *Journal des Débats* e *Le Constitutionnel*, publica um breve despacho de Lisboa de dia 15 que anuncia a invasão da província e a tomada «do forte Coimbra que não estava em condições de resistir»⁸⁷. O *Journal de Bruxelles* faz o mesmo, respetivamente a 11 e a 22. Nesta última data, o quotidiano da capital belga prevê, depois da tomada de Coimbra, que as tropas paraguaias irão ocupar, sem grandes dificuldades, os outros postos ao longo do rio

a reputação geral de ferocidade dos paraguaios». *Ob. cit.*, 1. 3965-3966.

⁸⁵ A 8 de fevereiro, *The Morning Post* cita um artigo de *The Standard and River Plate News* de Buenos Aires, publicado a 29 de dezembro: «Meanwhile, the Paraguayan Government, viewing with distrust the alliance of Brazil with such a man as Flores, has virtually declared war against Brazil, seized the Brazilian mail-steamer, and actually despatched a force of 2,000 men to wrest from Brazil the rich province of Matto Grosso».

⁸⁶ Le *Journal des Débats* publica o mesmo telegrama a 8 de fevereiro e *Le Temps* fá-lo no dia seguinte.

⁸⁷ RIO JANEIRO, JAN 24 (BY TELEGRAPH FROM LISBON) «[...] The forces of Paraguay have taken fort Coimbra, in the province of Matto Grosso, It is believed they have also captured Forts Miranda and Dourado», *The Liverpool Mercury*, 17 de fevereiro.

Paraguai. A 18, *L'Indépendance Belge* assinala também com uma certa inquietação, a tomada de Paisandú pelos brasileiros e do forte de Coimbra pelas tropas de López:

As nossas informações deixam supor que as potências marítimas europeias, cujos interesses nacionais são severamente comprometidos por esta guerra, não deixarão chegar a situação ao extremo. Vão interpor-se a tempo entre os adversários para lhes impor uma negociação.

O mesmo diário não comenta diretamente esta ocupação, mas insere a 12 de março um longo artigo enviado pelo seu correspondente na capital argentina, o qual escreve que «em vinte e sete dias as forças paraguaias tomaram quase todos os pontos importantes do Mato Grosso». O autor da carta, visivelmente favorável ao governo de Assunção, sublinha que esta conquista «é a resposta do Paraguai à invasão do território do Uruguai por parte dos brasileiros»; afirma também que os soldados de López não cometaram nenhum «ato selvagem» no Mato Grosso, que trataram a população civil e os prisioneiros de guerra «com humanidade e generosidade». Declara finalmente que «a conquista do Mato Grosso destrói a potencia militar do Brasil no alto Paraguai».

O correspondente em Buenos Aires critica «a obstinação» da política do império que não tomou suficientemente em conta a força do exército guarani e que se arrisca a «perder ainda outras províncias». Considera, no entanto, remota a possibilidade dos brasileiros reconquistarem Coimbra e de ocuparem a fortaleza de Humaitá e exclui totalmente que o território

do Paraguai possa um dia vir a ser tomado pelos exército imperial.

O *Journal de Genève* insere uma carta do seu correspondente na capital imperial datada de 24 de janeiro⁸⁸ que desvaloriza a vitória das tropas de Solano López. Estas, formadas por 7 000 homens, conquistaram este forte construído pelos jesuítas na vila do Mato Grosso, mas sofreram muitas baixas e a centena de defensores de Coimbra, que resistiu durante dois dias, consegui fugir. Em Dourados e Miranda tomaram posse de dois outros fortés, onde «não havia ninguém, além de uma idosa e de uma preta». Desta situação, o correspondente do quotidiano liberal tira uma conclusão pelo menos precipitada: «Podem constatar que para [combater] o Paraguai, o Brasil vai precisar só de um punhado de homens.»

No entanto, numa carta de 24 de março, onde faz um breve resumo da história, da vida económica e social do «Japão da América», o correspondente⁸⁹ dá um outro ponto de vista, muito mais perto da realidade:

Depois desta rápida viagem no país, perguntar-me-ão talvez se não será fácil derrotar o Paraguai? Responderia que não, porque teríamos de lutar contra os obstáculos naturais e artificiais como rios, pântanos, florestas, montanhas, fortalezas; pode-se acrescentar o povo que tem uma grande dedicação pela pátria que aumenta por causa do ódio inculcado contra

⁸⁸ *Journal de Genève*, 24 de fevereiro.

⁸⁹ *Journal de Genève*, 5 de maio. É impossível saber se é a mesma pessoa que manda estas cartas do Rio de Janeiro para o diário genebrino.

o estrangeiro e da ignorância na qual o deixam em relação aos acontecimentos exteriores.

Por conseguinte, trata-se de uma guerra séria. É uma verdadeira campanha que vai começar.

Numa outra missiva publicada a 8 de abril⁹⁰, o autor continua a defender o ponto de vista do Brasil. Censura os atos selvagens dos soldados invasores perante uma população indefesa, as pilhagens, os saqueios, os roubos de objetos de valor, transportados para Assunção. Denuncia também as violências⁹¹, contra os estrangeiros, enquanto na capital paraguaia a população celebra «o triunfo da expedição».

Porém, adverte o colaborador do quotidiano genebrino, se os paraguaios chegarem à capital da província, encontrarão uma forte resistência que acabará por derrotá-los. De qualquer forma, o Paraguai não vai escapar às forças brasileiras:

Dessa maneira, em vez de prestar ajuda a Paysandú e a Montevideu, López manda cavalgar os seus cavaleiros num país onde a população é escassa e a resistência é impossível.

Tarefa fácil para um governo que, há mais de dez anos, só estava a armar-se e a preparar-se para a guerra.

⁹⁰ Esta carta tem a data de 8 de fevereiro. O jornal adverte que o atraso na publicação é devido «à falta de espaço».

⁹¹ Sobre esta guerra nota o correspondente da cidade peruana de Arequipa numa carta de 19 de março: «Un peu plus loin de nous le Paraguay, l'Uruguay et le Brésil se déchirent à qui mieux mieux, et leurs soldats se livrent à des actes de sauvagerie inouïs au XIX^e siècle; des témoins dignes de foi ont vu des bracelets d'oreilles humaines sécher au soleil». *Journal de Genève*, 9 de junho.

Mas chegará a hora do Paraguai; e quando tivermos encontrado um acordo com Aguirre, enfrentaremos López.

Também na Suíça francesa, a *Gazette de Lausanne* menciona a 18, a invasão da província e, cinco dias mais tarde, fala da enorme «irritação» contra o Paraguai na capital do Império. Prevê, e com razão, «uma guerra de morte» entre esta república e o Brasil. O diário liberal volta a falar deste episódio a 11 de março, dando alguns detalhes da invasão do exército guarani que se aproxima da capital do Mato Grosso onde se concentram as forças brasileiras que querem combater o inimigo.

Em Paris, *Le Constitutionnel* cita uma correspondência do Rio de Janeiro de dia 11 de março na qual, embora se afirme estar «sem notícias do Mato Grosso», mencionam-se «rumores persistentes» sobre «uma grande derrota no Alto-Paraguai pelas tropas de López».

A. Le François — que resume em *Le Temps* do dia 10 uma correspondência de Montevideu de 29 de janeiro — fala da tomada de algumas localidades e nomeadamente de Corumbá, saqueada pelos paraguaios. Explica que os brasileiros tinham poucos soldados na região e que a maioria estava concentrada em Cuiabá, a capital do Estado, o que explica os sucessos das tropas guaranis. Visto que «são necessários cerca de quatro meses para que as tropas percorram o trajeto Rio-Cuiabá», é provável que as tropas de ocupação fiquem «momentaneamente no Mato Grosso».

Dois dias mais tarde, Ernest Dottain manifesta a sua surpresa no *Journal de Débats*⁹²:

Não podemos esconder que, até à data, é impossível perceber porque o Paraguai tomou parte neste conflito. Esta espécie de *China americana* tinha ficado, até agora, tão estreitamente fechada nas suas instituições peculiares, que era considerada, devido ao seu sistema, como estrangeira a todos os distúrbios que não cessam de tingir de sangue as margens platinas. De repente, sem causas avaliáveis, sem uma verdadeira declaração de guerra, o Presidente López saiu desta abstenção secular e invadiu o território brasileiro.

O Brasil também não estava à espera, acrescenta o editorialista, e isso explica a fraca resistência encontrada pelos invasores. No entanto, adverte Dottain, este ato de guerra «provocou um movimento patriótico no Brasil»⁹³: o Paraguai vai ter de enfrentar a reação do seu inimigo e, por conseguinte, «uma guerra renhida». O redator do diário parisiense admite desconhecer o número de soldados paraguaios e nota que as circunstâncias desta invasão não permitem julgar o valor

⁹² O jornal parisiense reproduz na sua edição de dia 3 de março um telegrama enviado na véspera de Lisboa: «*L'armée du Paraguay, poursuivant sa marche dans la province sans défense de Mato Grosso, avait pris Corumba, Albuquerque et une canonnière brésilienne*».

⁹³ «*Le Brésil se prépare avec énergie à poursuivre la guerre contre le Paraguay. Les volontaires affluent dans les rangs de l'armée, et trois corps d'armée importants se forment sous la direction personnelle de l'empereur don Pedro*». *Journal de Bruxelles*, 22 de abril.

dos soldados de López. No entanto, a imagem maléfica do soldado paraguaio já chegou a Europa:

Tudo o que sabemos, é que nas suas fileiras existem muitos temíveis guerrilheiros a cavalo, que dão à guerra um caráter tão assustador de devastação e de pilhagem. Com efeito, estas são as notícias transmitidas pela canhoneira britânica *Ranger*, que vem do alto Paraguai. Tudo é saqueado, queimado, devastado sem piedade. E até se chega a espalhar os mais alarmantes boatos sobre os atos crueis perpetrados pelos soldados do Paraguai.

Pereira da Silva no seu longo artigo consagrado a esta guerra⁹⁴, critica sem meios termos a política de Solano López. «O atual ditador» do Paraguai, escreve o autor do artigo, que pensa ter o apoio de todos os países de língua castelhana contra o Brasil, cortou o acesso fluvial ao Mato Grosso e atacou, «sem motivo declarado e sem nenhuma declaração», esta província:

Dessa forma, a guerra está de facto declarada. López não ousa descer o rio e ir socorrer Montevideu. Tem coragem só contra os desertos do Mato Grosso, onde é difícil para o império enviar socorros por terra. Confia só na sua posição recuada no centro da América, onde nenhuma potência ainda fez a guerra por causa das distâncias, das águas às vezes muito altas e as vezes não navegáveis do rio, e das imensas solidões que constituem o Paraguai.

⁹⁴ Pereira DA SILVA, «La guerre entre le Brésil et la Plata», *Revue contemporaine*, mars-avril 1865, p. 344-365.

Mas o Brasil irá até Assunção para «castigar o comportamento de López, contrário a todas as leis internacionais, a todos os tratados diplomáticos e a todas as ideias modernas da civilização»⁹⁵.

Na mesma revista, L. Smith⁹⁶ interroga-se sobre as razões da ofensiva no Mato Grosso onde, no início, não encontraram praticamente nenhum inimigo para combater. O jornalista é o único que emite uma hipótese de uma futura troca entre Assunção e o Rio de Janeiro: o objetivo de Solano López seria de conquistar territórios nesta província brasileira para poder trocá-los «a seguir com o território contestado entre o Rio Apa e o Rio-Branco»!

b) O ataque a Corrientes

O cônsul da França fala pela primeira vez de Corrientes na carta de 29/30 de janeiro na qual coloca a questão da possível invasão que teria consequências importantes. Com efeito, o representante francês tem a consciência que este ataque paraguaio provocaria o fim da neutralidade de Mitre que aceitaria «a aliança oferecida há tempo pelo Brasil». No mesmo documento, o autor refere-se a um confronto militar entre tropas paraguaias em reconhecimento na província argentina e as tropas locais, com vários soldados paraguaios mortos.

⁹⁵ *Ibid*, p. 365.

⁹⁶ SMITH, L., «Le Paraguay», *Revue Contemporaine*, maio-junho de 1865, p. 593-623.

Laurent-Cochelet considera que a neutralidade argentina acabou com este episódio e, como foi o caso com o Brasil no Mato Grosso, por causa da agressão comandada por López. Acusa também «a camarilha que anda a sua volta» de lhe inculcar «ideias de glória e de conquista». Na opinião do cônsul, estas pessoas convenceram-no que «tem o talento de Napoleão pela arte militar». O mesmo cita um editorial publicado no jornal oficial de Assunção segundo o qual chegou a altura «de levar a guerra para o território brasileiro». O mesmo diário afirma que há só duas possibilidades: «Ou o triunfo será completo ou o povo paraguaio perecerá na guerra».

Na conclusão⁹⁷, o autor dá uma interpretação muito pessoal, vê a mão de Deus por detrás da loucura beligerante do chefe de Estado paraguaio:

Isto prova, evidentemente, que, apesar da embriaguez momentânea causada pelas primeiras vitórias das tropas paraguaias no Mato Grosso, o Presidente começa a alarmar-se, constatando os sérios preparativos de guerra por parte do Brasil. Ao mesmo tempo, começa a admitir que levou a nação paraguaia numa aventura onde poderá extinguir-se. É isso o que eu sempre pensei. Nunca podia ter acreditado numa tal cegueira, se não ter-me-ia lembrado que a providência começa frequentemente a cegar os que ela quer perder. Apesar de tudo, talvez seja o caminho que ela

⁹⁷ É o cônsul argentino que parte da capital paraguaia que leva esta carta até Buenos Aires.

escolheu para conseguir uma regeneração deste pobre país.

A 21 de fevereiro, López recebe a resposta do governo de Mitre ao pedido do presidente paraguaio para poder atravessar o território argentino com o objetivo de atacar a província de Rio Grande. «Como se podia esperar», escreve o representante francês em Assunção na sua missiva de 26 de fevereiro, esta é negativa.

No mesmo documento, menciona as reuniões dos dirigentes do país para preparar o ataque, que será comandado pelo general Robles e não pelo próprio presidente como estava previsto. Depois de ter falado do recrutamento, que abrange doravante praticamente toda a população masculina dos 15 aos 70 anos, e das implacáveis punições aplicadas aos seus opositores, mesmo por pequenas faltas, Laurent-Cochelet aborda os temas da futura campanha.

O Paraguai pode invadir e «devastar o Rio Grande, deixando ao mesmo tempo uma força militar consistente em Corrientes» para garantir uma futura retirada quando o Brasil estiver pronto militarmente, escreve o cônsul. Acrescenta, porém, que, se o Brasil «usasse um pouco mais de energia» e se «a Confederação argentina iniciasse uma campanha militar a sério», podiam já agora pôr sérias dificuldades ao plano previsto por Solano López. Mas a Argentina não «tem uma organização militar fortemente constituída» e o exército brasileiro no Uruguai atua com uma grande «lentidão.» Por conseguinte, estarão prontos só dentro de «alguns meses.»

Laurent-Cochelet, que prenuncia um bloqueio naval do Paraguai por parte do Brasil e da Argentina, sublinha a 16 de março a dificuldade de prever «o rumo provável» que tomará o futuro conflito. Nesta missiva, compara os dois países.

Por um lado, o Paraguai, cercado por inimigos, praticamente já mobilizou todos os homens disponíveis. É um regime «despótico, absoluto e pessoal», cujos apoios públicos da população e das classes dirigentes são devidos, na opinião do cônsul, ao medo e à forte repressão do executivo.

Por outro lado, o Brasil, que tem uma marinha forte, é um regime constitucional, com recursos «inesgotáveis», nomeadamente no que diz respeito ao número de soldados mobilizáveis.

O diplomata fala de dois cenários:

Por conseguinte, é provável que se o Brasil, aliado aos argentinos e aos refugiados paraguaios, se apresentar com forças suficientes, não irá encontrar obstáculos insuperáveis; mais, se, desdenhando erradamente os seus adversários, começar a luta sozinho, com forças muitos inferiores, é possível que o sentimento nacional supraexcitado pelo governo [de Assunção], e as antipatias de raças, tão vivas entre as espanholas e portuguesas que animam os paraguaios, origine que a luta comece com suficiente vivacidade para os congregar à volta dos seus chefes, impedindo dessa forma as deserções em massa.

Todavia, Laurent-Cochelet não tem dúvidas quando ao desfecho desta luta:

Numa palavra, Senhor Ministro, o Paraguai tomou recentemente uma atitude de um colosso ameaçador, mas tem os pés de barro e parece possível que a sua queda seja para breve.

É na carta de 15 de abril, que o cônsul informa as autoridades francesas do ataque «desleal» a dois navios argentinos no dia 13 e da ocupação da cidade no dia seguinte, tudo isto precedida de uma visita amigável de um navio a vapor poucos dias antes:

Hoje, o telégrafo elétrico comunicou a ocupação de Corrientes pelas forças paraguaias, ontem sem oposição, com a infantaria chegada pelo rio e a cavalaria por terra. Não tendo à sua disposição forças suficientes para se defenderem com êxito, o governador e as autoridades tinham fugido pouco antes da sua chegada

O diplomata não acredita, e com razão⁹⁸, nas informações dadas pelo jornal oficial do governo de Assunção que fala de «grandes demonstrações de alegria» por parte da população da cidade perante as tropas de ocupação. Quanto ao número de soldados empenhados na província de Corrientes e no antigo território contestado das Missões, Laurent-Cochelet, menciona 30 000 homens⁹⁹.

* * *

⁹⁸ A população de Corrientes, na sua imensa maioria, ficou «indiferente perante a invasão». DORATIOTO, *Ob. cit.*, p. 128.

⁹⁹ Luc Capdevilla fala de 22 000 homens para este Exército do Sul. *Ob. cit.*, p. 360, nota 3.

É quase 50 dias depois dos acontecimentos, que a imprensa publica os primeiros telegramas que anunciam a ocupação de Corrientes¹⁰⁰, já receada em Buenos Aires, como o refere o correspondente de *Le Constitutionnel* numa carta enviada de Montevideu a 30 de março¹⁰¹. O liberal *Gazette de Lausanne* a 1 de junho insere este telegrama na página 4:

Rio-Janeiro, 10 de maio — Sem declaração de guerra,¹⁰² O Sr. Lopez, presidente da república do Paraguai, confiscou um navio a vapor da república da Argentina e ocupou o porto de Corrientes (Rio da Plata).

Esta informação chega a Lisboa a 31 de maio e é enviada por telegrama às várias redações dos jornais europeus¹⁰³. Para Édouard Simon, que comenta esta

¹⁰⁰ Todos os jornais aqui referidos o fazem nos dois primeiros dias do mês. Só *L'Indépendance Belge* menciona esta ocupação alguns dias mais tarde, no seu comentário de dia 7, quando fala também da ocupação das cidades de Bela Vista e de Goiás.

¹⁰¹ *Le Constitutionnel*, 5 de maio.

¹⁰² No dia seguinte, *Le Temps* publica logo na primeira página o texto completo do mesmo telegrama:

«*L'Agence Havas-Bullier nous transmet les dépêches suivantes : Rio de Janeiro, 10 mai.*

Le général Lopez a fait saisir, sans déclaration de guerre, dans le port de l'Assomption, le vapeur argentin Salto. Son escadre s'est emparée de deux vapeurs de guerre qui se trouvaient dans le port de Corrientes. La ville de Corrientes a été occupée, sans résistance par 7,000 Paraguayens.»

¹⁰³ «*Lopez has seized in the port of Assumptions, without any previous declaration of war, the Argentine Steamer Salto. His squadron has taken possession of the port of Corrientes and of two*

informação em *Le Constitutionnel* dois dias depois, Mitre vai reagir e «organizar uma resistência» a esta invasão

O *Journal de Débats* de 5/6 de junho¹⁰⁴ insere uma informação chegada a Southampton pelo vapor *Paraná* na véspera:

5 000 paraguaios, com o respaldo da frota, tinham tomado, a 14 [de abril], sem resistência a cidade de Corrientes. O governador Lagranja tinha ido a San Roque, convocando a mobilização para os homens entre 17 e 60 anos. Os Paraguaios teriam ocupado também Bela Vista e Goya. A frota brasileira ainda não tinha agido; mas um confrontamento era iminente. As forças totais dos paraguaios chegam a 60 000 homens. Os aliados têm 75000 homens.

Alguns quotidianos comentam este novo episódio da guerra. *Le Constitutionnel* publica a 8 de junho um longo despacho da *Havas* enviado do Rio de Janeiro a 10 de maio que narra a ocupação da província argentina onde as tropas de López não cometem, por enquanto, «nenhum excesso». O chefe paraguaio espera poder aproveitar-se das «rivalidades e dos ciúmes provinciais» para provocar uma guerra civil e isolar Buenos Aires. Nesta cidade, nota a missiva, a notícia da invasão provocou uma «emoção muito viva». O agente comercial do governo de Assunção foi apreendido e as

vessels of war: the town of Corrientes was occupied without resistance by 7,000 Paraguayans. »*The Times* e *The Leeds Mercury*, 1 de junho.

¹⁰⁴ Cf. também *La Presse* e *Le Temps* de dia 6.

armas destinadas ao Paraguai confiscadas. O correspondente na capital imperial não tem dúvidas:

A paz só pode ser restabelecida com a queda de López. Ou López vai cair, ou a guerra civil vai recomeçar. Entre-Rios e Corrientes vão separar-se de Buenos Aires; Cordova e Santa-Fé também; os *blancos* vão reaparecer no Estado Oriental, e a mais terrível anarquia vai governar toda a bacia argentina.

Le Temps, a 24 de junho, publica uma carta enviada da capital brasileira um mês antes. Os paraguaios fortificam as suas posições em Corrientes e nas margens do rio Riachuelo. Os dois inimigos estão perto, nota o correspondente, mas os aliados esperam pela frota brasileira que avança lentamente, com a sonda para não ficarem encalhada:

É uma das dificuldades das operações [militares] fluviais: só as embarcações ligeiras podem subir facilmente o rio, mas não são suficientes para levar a cabo uma operação decisiva

L'Indépendance Belge, que prevê um longo e duro conflito na bacia do Plata¹⁰⁵ a 20 de junho, resume as queixas da Argentina segundo a qual esta província sempre foi «objeto de cobiça» por parte do Paraguai que,

¹⁰⁵ «*Cette guerre, selon toute apparence, exigerait des deux parts des efforts considérables et de grands sacrifices. Les Paraguayens disposent d'une armée de 60 mille hommes; un de leurs corps, fort de cinq mille hommes et assisté de la flotte, a pris la ville de Corrientes à la république Argentine.*» *L'Indépendance Belge*, 7 de junho.

face ao pedido de explicação do governo de Buenos Aires, respondeu com a ocupação de Corrientes.

Na opinião da *Gazette de Lausanne* de 21 de junho¹⁰⁶, parece impossível que o Paraguai possa resistir perante «as forças superiores» dos três aliados. Vai perder e, por conseguinte, será possível estabelecer um «comércio livre com este país, que até agora teve o papel do Japão da América do Sul». Solano López equivocou-se por completo:

Quando nos declarou a guerra, López pensou, sem dúvida, que ia provocar dissensões entre as Províncias [argentinas], mas nunca cometeu um erro tão grande. As consequências foram diametralmente contrárias: todos os partidos uniram-se contra a agressão estrangeira e a perfeita harmonia que se pode constatar hoje no nosso país, é para a nossa política uma nova e das mais animadoras fases para o futuro.

O quotidiano liberal suíço publica a 31 de julho uma análise de «uma pessoa muito bem informada». Na sua opinião, o «brusco ataque contra Corrientes» uniu os argentinos contra o seu vizinho. A conquista desta cidade foi grandemente facilitada pelo facto dos argentinos não estarem preparados. No entanto, escreve o autor da carta, os soldados de López não conseguiram progredir muito no território invadido. A esquadra brasileira bloqueou os rios:

López tem uma grande infantaria, mas poucos cavalos e esta pequena cavalaria não está em

¹⁰⁶ Carta enviada de Buenos Aires a 8 de maio.

condições de resistir perante os Correntinos e os Entrerrianos, velhos e excelentes soldados. A infantaria paraguaia é sólida, mas falta-lhe vivacidade. É mal alimentada e uma primeira séria derrota irá provocar a sua dissolução.

Além disso, os aliados têm agora a vantagem de ser mais numerosos que os soldados paraguaios. No fundo, conclui, e com uma certa razão, o articulista, com o seu desastrado ataque contra o território argentino, o Paraguai perdeu a sua «excelente posição defensiva».

Na mesma revista, L. Smith¹⁰⁷ interroga-se sobre o que irá fazer o exército paraguaio depois destas relativamente fáceis conquistas no Mato Grosso e em Corrientes: terá a força e os meios suficientes, «quando chegarem as forças inimigas, para conservar estas conquistas feitas por surpresas em países sem defesa?»

O articulista, que prevê muitas perdas humanas e materiais para o Estado guarani, exprime, no entanto, o vão desejo que Solano López recupere um pouco de bom senso e que utilize os recursos do país não para a atividade bélica, mas para o desenvolvimento do Paraguai e para o bem do seu povo.

Também na Suíça, o *Journal de Genève* insere a 5 de julho uma carta enviada do Rio a 9 de maio que acusa os 2,500 homens que entraram na cidade argentina de ter e atirado sobre a população desarmada:

Felizmente que a loucura de López – que praticou para com o general Mitre atos dignos do seu sistema interior e internacional de governo – nos

¹⁰⁷ SMITH, L., *Art. cit.*, p. 623.

ajudou, abrindo-nos ao nosso exército a passagem do território argentino.

Outros órgãos de imprensa estigmatizam o comportamento das tropas paraguaias, como *Le Constitutionnel* que, a 19 de setembro¹⁰⁸, denuncia o facto das mulheres da alta sociedade de Corrientes terem sido transportadas para o Paraguai. Três dias mais tarde, no mesmo diário, H.-Marie Martin fala do «caráter lamentável dado à guerra pela conduta das tropas paraguaias». O prematuro decreto de anexação prova o que são as intenções do seu chefe. Excessos de todo o tipo de uma tropa que ainda não teve de enfrentar nenhum grande exército aliado, sem esquecer a derrota de Riachuelo. O analista parisiense condena a deportação das mulheres de Corrientes a Humaitá:

Estos atos fazem-no recuar à época da barbárie. É altamente desejável que, graças às forças superiores reunidas pelos aliados, se possa por um termo às hostilidades conduzidas desta maneira.

Ernest Dottain debruça-se sobre as confiscações em Corrientes de têxteis (camisas de algodão, lençóis,) e de gado, que revelam o que são «os meios de transporte e a roupa dos paraguaios»¹⁰⁹. Porém, mais graves são os ataques às pessoas:

Os horrores da guerra são aumentados pelos grandes abusos na aplicação de tais decretos

¹⁰⁸ Carta enviada de Buenos Aires a 12 de agosto.

¹⁰⁹ *Journal des Débats*, 21 de setembro.

pelos soldados semibárbaros, desprovidos das coisas necessárias: com efeito, constatamos nas últimas informações recebidas, que os invasores atacaram também os civis. O Presidente López, que queria com certeza garantir-se reféns, mandou raptar as mulheres dos notáveis da província de Corrientes e mandou-as encerrar na fortaleza de Humaitá. Estes hábitos crueis fazem pensar nas guerras da Idade Média e constituem um doloroso contraste com as máximas e os princípios que prevalecem nos nossos dias entre os povos civilizados¹¹⁰.

c) O Tratado da Tríplice Aliança

A maioria dos jornais francófonos menciona a assinatura deste tratado nos primeiros dias de junho. O *Journal des Débats*, logo a 2. A informação é enviada desde Lisboa depois da chegada do navio inglês *Parana* a 31 de maio. Na mesma data, *L'Indépendance Belge*, fala da aliança contra o Paraguai, «pressionado entre o Brasil e as repúblicas da Argentina e do Uruguai» e que até agora era um «dos países mais tranquilos e prósperos da

¹¹⁰Na mesma data, escreve a *Gazette de Lausanne*: «En attendant, les Paraguayens occupent toujours la ville de Corrientes et tendent à avancer dans cette province. Ils se conduisent d'une manière barbare et cruelle, envoyant en captivité dans les forteresses du Paraguay des femmes et des enfants qui appartiennent aux meilleures familles de Corrientes en mettant tout à feu et à sang sur leur passage». (carta de Buenos Aires de 11 de agosto).

América do Sul»¹¹¹. Seis dias mais tarde, os leitores de *Le Constitutionnel* podem ler, numa carta enviada a 10 de maio da capital do Império, que, em Buenos Aires, se devia assinar tal tratado.

A 18 de junho, o mesmo quotidiano insere uma carta da *Havas* enviada do Rio de Janeiro a 24 de maio que considera como uma «grande notícia» a ratificação da Tríplice Aliança, «ofensiva e defensiva», mesmo depois da guerra para ver se o Paraguai respeita os seus compromissos. Este tratado, sublinha o texto, garante as fronteiras e a integridade do Paraguai, tal como eram antes da invasão do Mato Grosso:¹¹²

Trata-se de um ato inteligente por parte do governo brasileiro. Movido pela ambição de aumentar o seu território ou para uma outra ambição, López, declarando a guerra ao Brasil, atacou a única potência da América do Sul seriamente interessada na sua existência e no seu progresso. É positivo o facto do Brasil não ter esquecido esta grande verdade. Apesar do seu legítimo ressentimento, não deixou de seguir os conselhos de prudência e de moderação.

Depois de ter enumerado as outras cláusulas, a missiva conclui com excessivo otimismo: «a Tríplice

¹¹¹ O *Journal de Bruxelles* menciona no mesmo dia o tratado, depois de ter falado do ataque a Corrientes : [...] *Un traité d'alliance a été signé entre le Brésil, l'Uruguay et la confédération Argentine*.

¹¹² O mesmo texto é reproduzido pelo parisiense *Le Temps* dois dias mais tarde e pelo *Journal de Genève* a 5 de julho.

Aliança vai encurtar a duração da guerra e diminuir os gastos.»

A *Gazette de Lausanne*, a 22 de junho põe em evidência os pontos principais: trata-se de uma «aliança ofensiva e defensiva»; a independência do Paraguai é garantida; este terá de reembolsar as despesas da guerra, demolir as fortificações de Humaitá e garantir a liberdade de circulação dos rios. Estas condições «desmentem os projetos anexionistas atribuídos ao Brasil», sublinha o diário liberal que, a 9 de agosto, volta ao tema numa carta de Buenos Aires de 24 de junho. Esta defende os objetivos da Tríplice Aliança e critica certos jornais europeus, segundo os quais «o Brasil e os seus aliados combatem para a extensão da escravatura e que o Paraguai defende os princípios da liberdade».

A análise mais completa sobre este Tratado encontra-se na *Revue contemporaine* que explica os seis primeiros artigos¹¹³: o 1º que explicita o tipo de aliança ofensiva e defensiva e as tropas que cada estado vai fornecer; o 2º, sobre o respeito da independência do Paraguai; o 3º, que exclui uma negociação com Solano López e que pressupõe uma nova constituição para o Paraguai; 4º que prevê as indemnizações a pagar pelo Paraguai; o 5º, sobre a livre navegação do Paraná e do Paraguai e a demolição de todas as fortalezas edificadas para impedir tal navegação; o 6º, sobre a duração da aliança.

¹¹³ PEY, Alexandre, «Revue politique», *Revue contemporaine*, julho-agosto de 1865, p. 182-183.

d) Riachuelo

É na primeira semana de agosto que podemos ler as primeiras notícias sobre esta batalha fluvial. *La Presse*, a 1 de agosto, fala de 12 000 mortos!¹¹⁴ Na mesma data, Ulyssses Ladet dedica-lhe um parágrafo do seu editorial de *Le Temps*, dando números mais perto da realidade. Com efeito, fala da perda de 2000 homens e do seu almirante por parte da marinha paraguaia.

No dia seguinte, *L'Indépendance Belge*, menciona a batalha que comenta cinco dias mais tarde: foi um «combate terrível no rio Paraná» que durou dez horas com a vitória dolorosa dos brasileiros.

O *Journal des Débats* de 7 de agosto dá os detalhes da batalha numa correspondência da *Havas* de dia 8 de julho. Indica as perdas de navios e sobretudo de homens: 300 pelos brasileiros e 1800 do lado da marinha de Solano López. O comandante paraguaio recusa ser tratado: «Este ato desesperado não é o único exemplo da animosidade, da obstinação quase furiosa que caracteriza esta guerra deplorável», lamenta o quotidiano parisiense.

Na Suíça, o *Journal de Genève*, insere um telegrama do Rio de Janeiro de 9 de julho: «A esquadra brasileira destruiu no Paraná a frota do Paraguai». Este país lamenta a perda de quatro navios a vapor e de seis

¹¹⁴ «Lisbonne, 30 juillet.

Les avis de Rio-Janeiro, du 9 juillet, portent que l'escadre brésilienne a détruit, dans le Paraná, la flottille du Paraguay, composée de quatre vapeurs et six batteries flottantes qui ont été coulés ou pris. Les Paraguayens ont perdu leurs drapeaux et 12,000 tués ou blessés».

baterias flutuantes, e cerca de 2000 homens, entre mortos e feridos. Uma correspondência da capital imperial de 9 de julho, inserida no mesmo quotidiano na sua edição de 8 de agosto, dá pormenores da batalha, descrevendo o ataque paraguaio, a perda da corveta *Jequitinhonha*, a luta corpo a corpo na corveta *Parnaíba*. Na última parte desta batalha destaca-se a decisão do comandante Barroso de utilizar a fragata *Amazonas* como ariete contra os navios e as *chatas* paraguaias e a fuga dos navios de Solano López.

A 8 de agosto, a *Gazette de Lausanne* publica uma carta enviada de Buenos Aires a 24 de junho, que descreve a vitória da esquadra brasileira, com os paraguaios que perderam quatro navios e tiveram de se retirar. Esta grande derrota vai desmoralizar «consideravelmente» o exército do Estado guarani¹¹⁵.

O semanário parisiense *L'Illustration* sintetiza o que se passa a 11 de junho no rio Paraná perto do estuário do Riachuelo¹¹⁶, não longe de Corrientes. Põe em relevo o ataque paraguaio às nove da manhã, o fogo dos seus canhões desde as margens do rio, o encalhamento do *Jequitinhonha*, o terrível combate corpo

¹¹⁵ «On a reçu à Rio de Janeiro, le 9 juillet, des nouvelles assez importantes de la guerre de la Plata. L'escadre brésilienne a détruit dans le Paraná la flottille du Paraguay. L'amiral qui commandait cette flottille a été tué; quatre vapeurs ont été pris ou coulés, six batteries flottantes ont été détruites ou confisquées. Les Paraguayens ont eu, en outre, 2 000 hommes tués ou blessés ; [...]».

¹¹⁶ «Le Riachuelo est un petit cours d'eau qui se jette dans le Paraná, à quelque distance de Corrientes; désormais, le nom de ce ruisseau appartient à l'histoire; en face de son embouchure s'est livré un sanglant combat entre les forces navales du Brésil et celles du Paraguay». *L'Illustration*, 19 de agosto, p. 119.

a corpo a bordo no *Parnaíba*, a «incrível coragem» dos soldados paraguaios, a decisão de usar o *Amazonas* como navio ariete, as importantes perdas das tropas de Solano López e os cerca de 300 mortos do lado brasileiro.

Léonce Dupont¹¹⁷ comenta também esta batalha fluvial «que durou cerca de dez horas», com uma vitória final dos brasileiros, apesar de estes disporem «de força inferior». Por um lado, põe em relevo a intrepidez das forças paraguaias: na sua opinião, «foi a ousadia deles que lhes fez perder a batalha», porque, atacando dessa forma a canhoneira *Parnaíba* «romperam as suas linhas». Por outro lado, destaca a manobra do navio almirante *Amazonas*, que «se atirou aos três navios inimigos e os afundou»:

Esta tática audaz, uma das mais notáveis mencionadas até à data nas batalhas navais, deu aos brasileiros a vitória decisiva. Só quatro vasos de guerra da esquadra paraguaia conseguiram escapar às perquisições.

O cônsul francês aborda esta batalha no seu relatório de 12 de julho onde menciona as «consideráveis» perdas uruguaias (todas as *chatas*, quatro navios, e muitos homens¹¹⁸). No entanto, o governo de Assunção «atribuiu para si a vitória por causa da desproporção do número e da qualidade dos navios envolvidos». Laurent-Cochelet escreve que poucos homens conseguiram voltar

¹¹⁷ DUPONT, Léonce. «Chronique Politique», *Revue contemporaine*, julho-agosto de 1865, p. 570-573. François-de-Sales-Léonce Dupont (1828-1884), é um escritor e jornalista francês.

¹¹⁸ «[...] une perte immense en personnel»

ao Paraguai e que a «grande maioria dos oficiais morreram ou ficaram feridos». Acrescenta também que López mandou prender vários comandantes «por eles não terem obedecido às ordens formais [...] de abordar os navios [brasileiros] sem disparar um só tiro».

Na opinião do diplomata, os comandantes dos navios paraguaios não podiam ter agido de outra maneira:

Uma obediência passiva a uma ordem desta natureza teria provocado a destruição da esquadra, porque os brasileiros, com navios a vapor mais poderosos, não se deixavam abordar e, pelo contrário, abordavam os outros para os afundar, o que conseguiram várias vezes.

O representante francês em Assunção fala dos sérios danos provocados pela «artilharia ligeira paraguaia» que bombardeou os navios brasileiros a partir das margens do rio e que os obrigou a bater em retirada.

Nesta carta, fala da reação da população¹¹⁹ que não tem informações sobre os mortos e os feridos e que não pode manifestar publicamente a própria dor. Os marinheiros que vem buscar as tropas à capital, apesar da proibição de falar com as famílias dos soldados, conseguem, apesar de tudo, graças a «sinais e a um piscar de olhos expressivo», transmitir a informação.

¹¹⁹ Este relatório é citado no livro de Francisco Doradioto [*Ob. cit.*, p. 145]

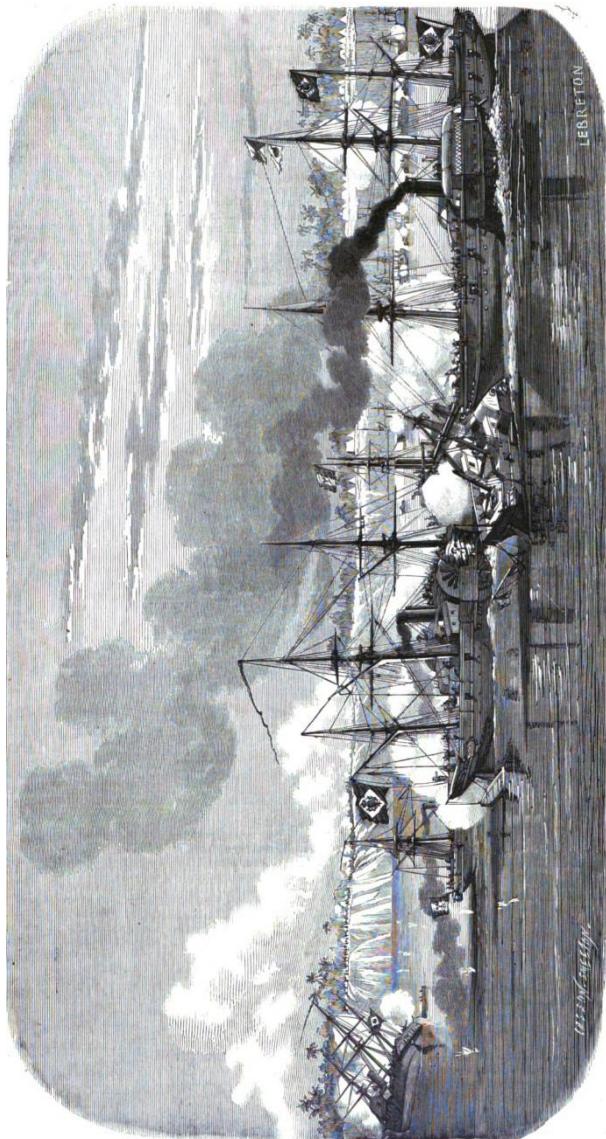
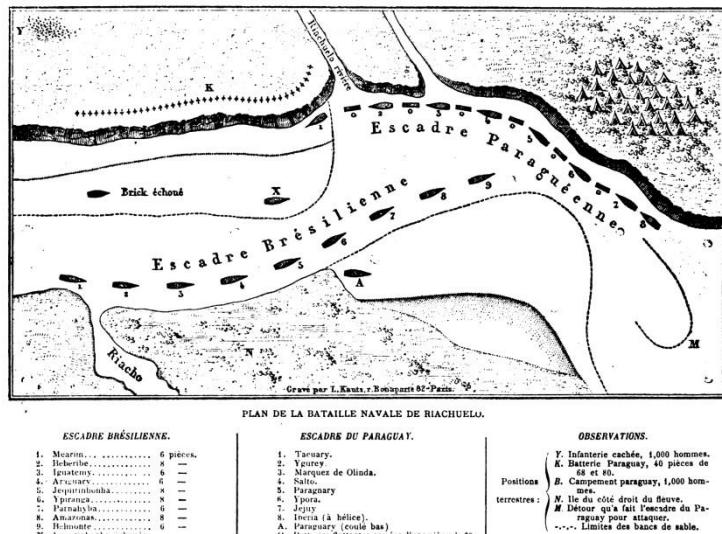


Fig. 1. A batalha do Riachuelo (*L'Illustration*, 19 agosto)

Fig. 2: O plano da batalha (*L'Illustration*, 19 agosto)

Laurent-Cochelet relata as consequências do bloqueio aliado no rio Paraná que começou em abril e que esta vitória fluvial reforçou. No relatório de 31 de maio, exprime a sua profunda preocupação:

Começamos a sentir as consequências do bloqueio. Agora, nada chega. Todas as mercadorias estrangeiras atingem preços exorbitantes. O pão começa a faltar, e as reservas de farinha chegam ao fim. Se a guerra não terminar rapidamente, esperam-nos tempos muito difíceis.

Esta situação deixa o diplomata sem informações tanto da Legação francesa em Buenos Aires, quanto da Europa¹²⁰.

No relatório de 12 de julho, relata uma informação dada por um negociante de Corrientes, segundo o qual todos os navios que deixaram a capital paraguaia depois do bloqueio foram confiscados pelos brasileiros. O cônsul francês fica muito surpreendido com esta informação, não sendo estes navios de propriedade do Paraguai e, também, porque não foram informados:

Eu próprio não recebi nenhum comunicado oficial, embora tenha recebido, a través da canhoneira italiana *Veloce* no início de junho, despachos da legação. Agir dessa forma, seria imitar o comportamento (tão severamente censurado em Buenos Aires) do Paraguai que tomou Corrientes antes de ser conhecida a sua declaração de guerra.

e) A invasão do Rio Grande do Sul

Já em janeiro, o cônsul francês analisa uma futura ocupação deste estado pelas tropas de López¹²¹. Na sua opinião, ir combater no Uruguai implica um risco para López: os seus soldados receberiam inevitavelmente

¹²⁰ «[...] le blocus continue à s'exercer avec tant de rigueur qu'aucune nouvelle de Buenos Aires ou d'Europe ne parvient jusqu'à Assomption». Relatório de 6 de agosto.

¹²¹ Carta de 28/30 de janeiro.

lições de liberdade, «num país onde são muito amplas». No Rio Grande do Sul, este perigo não existe.

Mas a razão principal desta expedição, escreve Laurent-Cochelet, tem a ver com a escassez de alimentos no Paraguai:

Há cerca de um ano, uma grande parte da população masculina foi arrancada aos trabalhos agrícolas por causa do recrutamento obrigatório. Consumiu sem produzir, e, a pouco e pouco, os distritos próximos de Cerro León, e depois os mais afastados, foram gradualmente esgotados pelas reiteradas requisições não retribuídas de gado, de trigo, de mandioca e de outros mantimentos. Agora, quase em todo o lado, há fome e as populações já não podem satisfazer, e por justificadas razões, às intermináveis requisições com que as sobrecarregam.

É por essa razão, que as tropas de López querem invadir um Estado muito rico em gado.

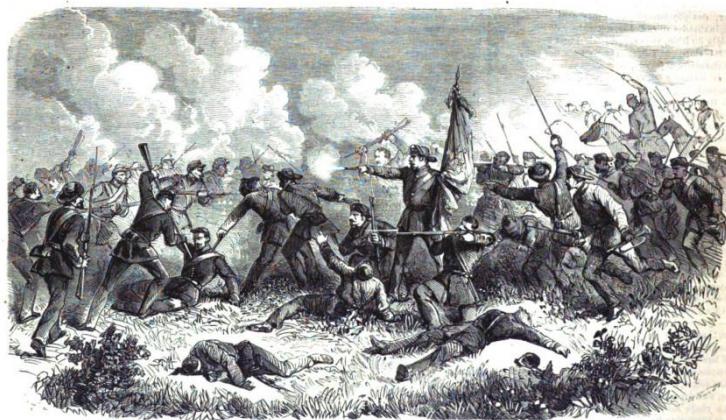


Fig. 3: Batalha de S. Borja (*L'Illustration*, 14 de outubro)

A imprensa dá relativamente poucas informações sobre o ataque a S. Borja e a Uruguaiana. Antes da invasão, alguns jornais mencionam a eventualidade deste ataque. A 10 de abril, uma correspondência particular do Rio de 11 de março publicada por *Le Constitutionnel* assinala que «se recomeça a falar da invasão da província do Rio Grande por parte do exército paraguaio.» A 6 de junho, *Le Temps*, insere uma carta de Montevideu datada de 3 de maio em que se menciona a ameaça paraguaia sobre o Rio-Grande do Sul, mas acrescenta que «esta fronteira brasileira está bem vigiada». Por sua vez, uma carta do Rio de 24 de maio publicada pelo *Journal de Genève* de 5 de julho, assinala a presença de tropas paraguaias (20 a 22 mil homens) perto de Santa Borja, preparada para atravessar o rio e invadir o Rio Grande do Sul.

O leitor francófono de 1865 toma conhecimento da invasão graças a alguns telegramas. Por exemplo, *La Presse* e o *Journal de Genève*, a 1 de agosto publicam um despacho enviado do Rio de 9 de julho e telegrafado de Lisboa a 30 do mesmo mês: «A cidade de Boya [sic!] foi tomada e saqueada pelos paraguaios depois de cinco dias de luta». Seis dias mais tarde, *L'Indépendance Belge* comunica que «a província do Rio Grande do Sul foi invadida por um corpo de armada paraguaio».

Ernest Dottain comenta esta invasão no seu editorial de dia 7 de agosto. O redator do *Journal des Débats* explica que um corpo de armada paraguaio formado por cerca de 10 000 homens aproveitou-se «da dispersão das divisões brasileiras» para atravessar o rio e atacar São Borja defendida por 800 homens da guarda

nacional¹²². Estes tiveram de ceder perante à superioridade numérica dos inimigos. No entanto, sublinha o jornalista francês, o Brasil não ficará de braços cruzados:

Desde que a notícia chegou ao Rio de Janeiro, o imperador decidiu que partiria para se colocar pessoalmente a frente do exército e defender o território brasileiro. A invasão paraguaia provocou uma viva emoção na província do Rio Grande [do Sul], formada de uma população essencialmente guerreira. As correspondências falam de que há uma mobilização e um grande recrutamento de guardas nacionais e que há uma rápida concentração de tropas. É, por conseguinte, provável que será nesse ponto que se irá travar o próximo combate entre os beligerantes, e que este terá uma grande importância. Com efeito as canhoneiras brasileiras dominam as margens do Uruguai, e se o exército do Paraguai for vencido, ao retirarem, enfrentariam enormes dificuldades.

A 23 de setembro, o *Journal de Genève* publica uma carte enviada do Rio de Janeiro a 24 agosto que denuncia as destruições em São Borja e que anuncia a marcha de duas colunas sobre Uraguiana¹²³. Acusa o

¹²² «Les Paraguayens, au nombre environ de 5 000 hommes, ont attaqué le 6 [juin] la ville de San Borja, située sur le haut Uruguay et qui n'était défendue que par quelques centaines de gardes nationaux». *Gazette de Lausanne*, 9 de agosto. (Correspondência de Buenos Aires de 24 de junho)

¹²³ Sobre a ocupação desta cidade brasileira, ponto culminante da ofensiva paraguaia, há só fragmentos de informação.

presidente paraguaio de querer «revolucionar toda a Confederação Argentina, despertando velhos ódios adormecidos há muito tempo» e de fazer tudo para «ressuscitar o partido *blanco* no Uruguai». O correspondente do jornal genebrino tem a certeza que este plano irá falhar. As tropas paraguaias sofrerão uma derrota perante as forças aliadas que se estão a concentrar em Concordia. Além da superioridade militar, a força da coalizão é devida ao facto de «toda a América ser livre, exceto o Paraguai, onde a população é esmagada por um regime de terror».

Ernest Dottain, no *Journal des Débats* de 21 de setembro, prevê um «choque» nas margens do rio Uruguai entre as tropas que invadiram o Rio Grande do Sul e os soldados aliados. Realça também o facto que a esquadra brasileira, quando as águas do rio subirem, poderá navegar de novo rio acima e dividir os dois destacamentos paraguaios «que manobram nas duas margens».

Ainda H.-Marie Martin, no seu comentário em *Le Constitutionnel* de 22 de setembro analisa a situação das tropas paraguaias que ocupam a Província mais meridional do Brasil. Na sua opinião, estas são ameaçadas não só pelas tropas de Flores e de D. Pedro, mas também pela marinha imperial:

Além disso, a próxima subida das águas do Uruguai vai permitir às canhoneiras brasileiras de ajudar as duas armadas aliadas. Tudo parece

L'Indépendance Belge, por exemplo publica só esta frase a 9 de agosto: «*On assurait que les Paraguayens marchaient sur Uruguayanía*»

indicar que os projetos do Paraguai estão prestes a encontrar um sério obstáculo

Com a contraofensiva aliada começa uma outra página deste longo conflito que tencionamos analisar num próximo estudo.

II Os temas principais

Nesta segunda parte, vamos abordar, além dos relatórios enviados pelo cônsul francês que atacam o regime lopista, os artigos de alguns jornais e revistas francesas e também de *L'Indépendance Belge*, que não se limitam a comentar os acontecimentos militares, mas que, tratando de outros aspectos, dão uma visão mais abrangente deste conflito.

a) Os direitos do Brasil

Léonce Dupont, que compara o regime brasileiro e o paraguaio, deseja uma vitória final do império, apesar dele não ser uma república¹²⁴:

Não podemos ainda prever como a guerra, da qual o combate do Riachuelo é só o prelúdio, vai terminar: mas podemos manifestar o desejo que haja um triunfo do Brasil, que, nesta luta, está do lado da justiça e do direito, e que, além disso, representa, no meio destas repúblicas mais ou menos despóticas da América do Sul, as ideias e

¹²⁴ DUPONT, Léonce, *Art. cit.*, p. 572.

os princípios que queremos ver prevalecer em todo o lado.

Na opinião do jornalista parisiense, no Brasil existe «o sufrágio universal», «a liberdade de reunião e de imprensa» além dos «direitos cívicos e políticos» para «os homens de todas as cores»[sic!].

Outra opinião favorável ao governo de D. Pedro é a do Alexandre Peÿ, no artigo já citado a propósito do Tratado da Tríplice Alianças¹²⁵. No seu entender, este texto prova a boa fé do governo imperial:

É suficiente dar uma vista de olhos a este tratado para constatar como eram sem fundamentos os ruídos caluniosos disseminados na Europa sobre as intenções do Brasil. Hoje, já não é possível duvidar: o gabinete do Rio-Janeiro não quer nenhum aumento territorial, e o seu único desejo é de ver fundar-se à volta dele governos estáveis e regulares que permitam finalmente a esta parte da América de fruir dos benefícios da tranquilidade, da ordem e da civilização.

Segundo Pereira da Silva, no artigo já citado¹²⁶, na Europa, tem-se uma opinião completamente errada sobre as «intenções do Brasil em relação aos povos da Plata»: não quer exportar, nem o seu regime político, nem a escravatura. Não tem a intenção de fazer desaparecer os regimes republicanos e as liberdades nos outros países da América do Sul. O governo do Rio sempre esteve do lado do Uruguai e do Paraguai para

¹²⁵ Cf. *supra*, nota 45.

¹²⁶ Cf. *supra*, nota 26.

que estes «entrem no caminho do progresso» e que possam ter «ordem, paz e prosperidade».

J. de Casaux, depois de ter lembrado a intervenção do império no Uruguai, analisa as causas desta nova guerra¹²⁷. Um ponto principal é a delimitação das fronteiras que não está ainda completamente definida, aos tratados já assinados falta de clareza. Interroga-se sobre os verdadeiros objetivos desta Tríplice Aliança e do Brasil em particular. Tendo um território já tão vasto o que é que ele procura? interroga-se o jornalista que emite a hipótese do Governo do Rio querer abrir o Paraguai ao comércio. Neste caso, nota de Casaux, seria uma ação desinteressada.

Este afirma que o Brasil e a Argentina deveriam utilizar estes recursos para outros fins:

Porque este sangue derramado? Porque este dinheiro para os estéreis armamentos? Não seria melhor utilizá-lo para a construção de estradas, de linhas de caminho de ferro, para explorar minas, para desbravar florestas, a apoiar estas tentativas de colonização no Brasil, que esmorecem por falta de ajuda e de capitais?

Na sua opinião, o regime de Solano López, «onde os cidadãos são todos, sem exceção, servos», precisa de ser reformado, mas com a evolução do tempo e com a «influência que as civilizações avançadas sempre exercem sobre os povos mais atrasados». A guerra contra o Brasil só terá consequências negativas:

¹²⁷ De CASAUX, J., «Affaires de la Plata», *Revue des deux Mondes*, 15 novembro de 1865, p. 530-535.

Esta invasão à mão armada só irrita as suscetibilidades desta raça desconfiada e faz crescer os seus ódios instintivos contra tudo o que é estrangeiro. Se conseguir vencer, terá como lamentável resultado, derrubar um governo que, apesar de todos os seus vícios, garantia, pela própria estabilidade, uma espécie de prosperidade a estas populações, para o substituir com a estéril anarquia que é a praga das repúblicas do Sul.

b) O Brasil imperialista

Eugène Chatard em *La Presse* de 12 de abril acusa o Brasil de ter o mesmo papel que a Prússia na Europa. Com os Estados Unidos, é todo condescendente¹²⁸ mas espezinha os direitos de um pequeno país, como o Uruguai. As suas tropas entraram em Montevideu a 21 de fevereiro, depois da capitulação e dois dias depois o seu aliado Flores fez o mesmo juntamente com três batalhões brasileiros. Na opinião do jornalista francês, o chefe *colorado* vai dar ao Brasil tudo o que este pede. Por outras palavras, «Flores deixa a república do Uruguai à mercê do Brasil, para incentivar a expedição contra o Paraguai, que se quer castigar pela sua generosa intervenção». Chatard não acredita que as forças militares do Império irão abandonar o território uruguai, fazendo como a Prússia com os ducados de

¹²⁸ Em outubro de 1864, o navio confederado *Florida* com os seus tripulantes é capturado por uma fragata federal no porto de Baía, violando desse modo a neutralidade brasileira.

Schleswig e de Holstein, cedidos pela Dinamarca no tratado de Viena de outubro do ano anterior.

A 1 de julho, em *Le Temps*, Arnold Boscowitz¹²⁹, descreve a geografia fluvial da região platina; Montevideo, Buenos Aires e depois, navegando no Paraná, chega-se depois de vários dias ao Paraguai.

O Brasil começou atacando o Uruguai que pediu a paz impondo-lhe condições muito duras:

Já várias vezes as forças imperiais tinham invadido o território uruguai; muitas vezes o Brasil tinha assinado tratados que rompia a seguir sem escrúpulos. Perante estes factos, pode-se perguntar a qual instinto obedecem os brasileiros que, apesar de serem donos do Amazonas, o maior rio do globo, e de terem um imenso território, não param de cobiçar os territórios vizinhos da Plata

¹²⁹ Homem de letras francês nascido em 1826, foi redator de *Le Temps*. Publicou cinco livros sobre os vulcões e os terremotos.

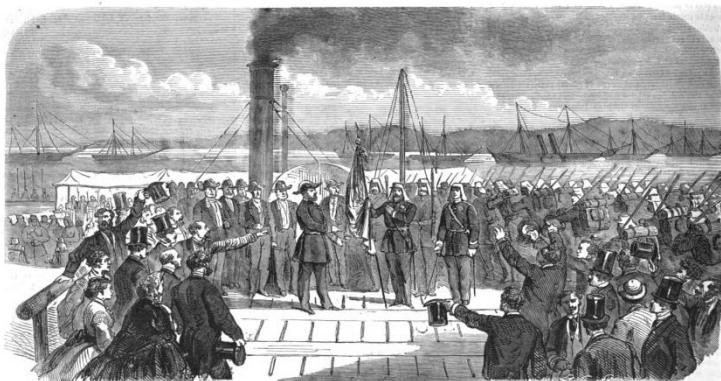


Fig. 4: D. Pedro entrega a bandeira à Guarda Nacional antes de embarcar para o teatro da guerra. (*L'Illustration*, 9 de setembro)

Dá a seguir a sua explicação: as terras platinas têm um clima mais temperado que favorece o cultivo de arroz, do trigo do milho, além da criação de gado. É «a fome que empurra o Brasil a ocupar» esta região fértil. Este rio é a via de comunicação «mais curta entre o Rio e mais belas províncias do império», onde existe uma tentação de independência. Mais uma vez o autor ataca o Brasil:

Não podemos enganar-nos. Quando o Brasil se proclama, em voz alta, o campeão da liberdade fluvial, é para salvaguardar as aparências, e para esconder os seus objetivos secretos. Na realidade, observa com horror a livre navegação nas águas platinas.

E Buenos Aires está do lado do Rio de Janeiro porque quer ser o único interlocutor com o Velho continente. É por essa razão que aceita a humiliação do

Uruguai, estado vassalo, agora obrigado a fazer parte da Tríplice Aliança contra o único país que o quis defender:

Com efeito, o Paraguai percebeu que cessaria de existir como Estado independente no dia em que a liberdade fluvial for comprometida com a total submissão de Montevideu [ao Brasil]. Depois de ter declarado a guerra ao Brasil, não hesitou em marchar contra Buenos Aires e as províncias argentinas, que, de boa ou má vontade, obedecem à capital.

O presidente do Paraguai, o general López, é um homem de uma rara energia. Tem vinte e seis navios a vapor bem equipados, muitíssimas canhoneiras e de um exército de 65 000 homens.

Na conclusão, prevê uma guerra «longa e sangrenta» e sublinha que as grandes potências deveriam salvaguardar os seus interesses económicos.

c) A força do Paraguai

L'Indépendance Belge, é sem dúvida, o diário que publica mais artigos favoráveis ao Paraguai. A 4 de abril escreve que os paraguaios são adversários mais «temíveis» do que os uruguaios e vão continuar a guerra depois da queda de Montevideo. Porém, com muito exagero, fala de «províncias inteiras do império brasileiro nas mãos» das tropas de Solano López que tenciona utilizar uma nova arma: a libertação dos escravos. Cinco dias mais tarde, acusa o Brasil de «projeto anexionistas».

A 22 de abril publica uma carta de Buenos Aires de 11 março que é pura propaganda filo paraguaia. A missiva denuncia a «política agressiva e ambiciosa» do Brasil, que quer fazer de Montevideu «um depósito e um porto militar brasileiro». Por outro lado, «o corpo expedicionário [paraguaio] continua a ter sucesso», o exército reforça-se cada dia que passa. O mesmo artigo realça os «progressos materiais do Paraguai», como o telégrafo e o caminho de ferro, denuncia o bloqueio que o Brasil está a preparar e que «vai prejudicar o comércio europeu». Na sua opinião, Solano López «age com o apoio e a aprovação dos seus cidadãos»¹³⁰.

O correspondente em Paris do mesmo jornal também se debruça sobre este conflito na Plata, com afirmações bastante contraditórias. A 22 de agosto, afirma que o no Exército paraguaio tem bons comandantes e que tem muitos oficiais franceses e alguns ingleses. A seu ver, dá-se uma imagem demasiado favorável aos Aliados na imprensa. No mesmo artigo, realça as dificuldades das tropas aliadas com deserções de tropas de Urquiza e uruguaias. Além disso, Mitre teria só 1000 soldados. Por outro lado, os Brasileiros dominam o rio, mas «dizimado pelas febres e abandonado pelos aliados», o exército imperial começa a recuar.

A 6 de setembro, a mesma fonte explica que estas informações negativas sobre os aliados é devida ao facto dos correspondentes dos jornais oficiosos terem muita

¹³⁰ A 10 de maio, uma outra carta da capital argentina de 26 março censura o bloqueio que não respeita os tratados de 1853 e afirma mais uma vez a «perfeita sintonia» entre o povo e o presidente.

simpatia para com o Paraguai¹³¹. Finalmente, a 31, nota as contradições entre as informações vindas do Rio e as que circulavam em Paris e, por conseguinte, é preciso esperar para saber o que se passa.

Estes três artigos ilustram perfeitamente os obstáculos que um jornalista europeu tinha de enfrentar nesses tempos e as inevitáveis contradições em que caía para comentar o que se passa do outro lado do Atlântico, a vários milhares de quilómetros de distância da Europa.

J. de Cazaux descreve as características físicas dos paraguaios que vêm essencialmente dos povos pré-colombianos, tal como a língua, o guarani. Esta influências indígenas observam-se também no caráter: a tenacidade no combate, «a intrepidez feroz» o «desprezo pela morte». Depois de uma derrota, preferem falecer. As suas tropas são mais disciplinadas enquanto as do Brasil e da Argentina são mais numerosas e bem armadas.

O cônsul francês também elogia as qualidades do soldado paraguaio, «valente sóbrio e disciplinado», mas não acredita nos números dados pelo governo de Assunção que fala de 100 000 homens. Na sua opinião, as tropas terrestres do estado guarani não devem

¹³¹ O mesmo quotidiano de Bruxelas, insere no seus comentários na primeira página de dia 17 de setembro rumores vindos de Londres segundo os quais o general Urquiza (1801-1870), o chefe da província argentina de Entre-Rios, estaria a «juntar-se à causa do Paraguai»: «*Cette défection désorganiserait l'alliance contre le Paraguay, et les chances de la guerre pourraient bien tourner cette fois contre le Brésil et ses alliés*». Sabemos hoje que Urquiza teve alguns problemas com as suas tropas que licenciou depois do ataque a Corrientes, mas sempre apoiou Mitre.

ultrapassar os 47 000. Sublinha, no entanto, dois problemas: a falta de qualidade dos oficiais e a fraqueza da marinha que define mais como uma «frota de transporte do que uma esquadra de guerra»¹³².

Na *Revue des deux Mondes*¹³³, J. de Cazaux reconhece que este povo vive em servidão perante o poder do Estado, mas, na sua opinião, esta guerra não parece ser a solução, antes pelo contrário. Por um lado, vai «irritar as suscetibilidades da raça sombria» que se virará «contra tudo o que é estrangeiro»; por outro lado, terá uma outra grave consequência:

Além disso, se conseguir, terá como lamentável resultado derrubar um governo que, apesar de todos os defeitos, garantiu, pela sua estabilidade, uma espécie de prosperidade a estas populações. Será substituído pela anarquia estéril que é a praga das repúblicas do sul.

d) Solano López e o seu regime

É Laurent-Cochelet que censura com mais frequência o regime lopista e o seu chefe. Numa missiva redigida dez dias antes da invasão da província argentina, o cônsul francês considera que a conquista será relativamente fácil, com pouca resistência por parte dos argentinos. Nesta carta de 3 de abril, volta a falar da grande mobilização dos homens para o serviço militar. Isso provoca carência de mão de obra, uma forte inflação

¹³² Carta de 8 de junho.

¹³³ Cf. *supra*, nota 59.

e uma falta de bens de primeira necessidade, entre os quais o trigo.

O diplomata denuncia o recrutamento de todos «os habitantes válidos a partir dos 14 anos sem limite de idade para os idosos»¹³⁴ e pergunta-se o que é que se pode pretender destes «soldados» com pouca formação militar que devem combater e sobreviver em condições já por si difíceis para os soldados adultos e experimentados.

Muito preocupado com o ambiente cada vez mais hostil e por vezes violento para com os estrangeiros na capital¹³⁵, o representante francês volta a atacar Solano López. Não é o patriotismo de uma nação que está na origem deste «esforço inaudito» dos paraguaios, mas «o terror» provocado pela «ambição de um só homem». O cônsul exprime em vão o desejo que os próprios soldados não irão combater com ardor pela pátria, visto que se trata de «uma tirania que os opõrime cruelmente».

Laurent-Cochelet julga severamente a política do chefe de Estado que provoca «todos os governos constitucionais». López transformou o Paraguai num «perigo permanente para a paz na América do Sul», paz que só poderá ser garantida com a queda do presidente paraguaio.

¹³⁴ Carta de 31 de maio.

¹³⁵ Na carta de 3 de abril, Laurent-Cochelet narra que um português foi convocado pelo comandante de um distrito por ter «içado uma bandeira [portuguesa] de uma nação em guerra com o Paraguai.» Foi com muita dificuldade que o cidadão luso conseguiu explicar que «o Brasil e o Portugal são dois países diferentes». Como sabemos, Portugal nunca esteve em estado guerra com o Paraguai.

A conclusão da missiva seguinte¹³⁶, não deixa margem para dúvida:

A importância dos acontecimentos cresce cada dia e acredo que o Marechal López já não pode ignorar a gravidade da trovoada que com muita ligeireza atirou sobre a sua cabeça agredindo todos os seus vizinhos. Já colocou o seu país à beira de um precipício. Duvido muito que todos os seus esforços consigam segurá-lo, a menos que tenha de enfrentar adversários pusilâmines.

Na carta de 8 de agosto, o cônsul continua impertérrito a bater na mesma tecla. O regime de López só tem algumas aparências de civilização, mas parece-se mais com «um país asiático». O presidente destitui chefes militares, põe pessoas na prisão, castiga severamente e elimina os seus opositores. Quer «centralizar [tudo] entre as suas mãos».

O diplomata pergunta-se então se o chefe de Estado guarani possui ainda «a plenitude das suas faculdades»:

Com efeito, é extraordinário que o marechal López possa, sozinho, ocupar-se da administração do país e do exército. É preciso ter uma organização e uma energia excepcionais para aguentar [todas estas tarefas], não tendo, à sua volta, homens proeminentes que o possam aliviar de uma parte do peso governativo. O sistema arbitrário de Francia¹³⁷, utilizado pelos seus

¹³⁶ Carta de 12 de julho.

¹³⁷ José Gaspar Rodrigues de Francia (1756-1840) foi Ditador do Paraguai de 1814 até à morte.

sucessores, não é feito para incentivar o aparecimento de homens competentes, visto que a inteligência é, pelo contrário, prescrita.

Porém, o cônsul francês não é o único que ataca o executivo paraguaio. Já vimos como Pereira da Silva critica sem meios termos a invasão do Mato Grosso¹³⁸ e como J. de Casaux¹³⁹ fala de um regime atrasado e de uma população totalmente submissa.

Para Léonce Dupont, segundo o qual, como já foi referido, uma vitória do Brasil seria um progresso para a civilização, também não simpatiza para a causa defendida por Solano López. O jornalista compara o regime de Solano López com o império de D. Pedro II¹⁴⁰:

No Paraguai, não há constituição escrita; não há eleições, nem parlamento. É o despotismo sem controle, ainda baseado nas ideias teocráticas e na doutrina da obediência passiva importada pelos jesuítas. [...] julgamos um governo, não olhando para o título com o qual se decora, mas a partir dos princípios que representa e dos direitos que protege.

A imagem que dá do Presidente paraguaio não difere muito daquela que se pode ler nos relatórios do cônsul francês:

Temos no Paraguai presidentes hereditários, como aqui termos imperadores e reis hereditários. Formalmente, trata-se de uma

¹³⁸ Cf. *supra*, p. 96.

¹³⁹ Cf. *supra*, p. 131.

¹⁴⁰ *Art. cit.*, p. 572.

república; mas sob esta forma de governo, exerce-se uma clara ditadura. Não existe, na Europa, um soberano mais absoluto do que é, no Paraguai, o Presidente Lopes, que sucedeu ao pai.

Na *Revue Contemporaine*, Alphonse de Calonne¹⁴¹ não está com meias medidas, criticando ao mesmo tempo uma parte dos seus colegas que defendem o regime lopista só porque tem o nome de república. É sem dúvida o texto que ataca com mais dureza o presidente paraguaio:

Cada governo que se intitula «república» não realiza necessariamente o estado republicano. Só as crianças se deixam levar pela etiqueta do saco; os homens querem ver o conteúdo. Não é sem um certo sorriso que vemos, às vezes, oradores e escritores, que manifestam uma forte simpatia para com o governo do povo, defenderem energicamente o mais absoluto tirano, unicamente porque este decorou o país que opõe com o nome de república. Este fenômeno singular verifica-se atualmente no que diz respeito ao Paraguai. O tristemente famoso presidente López encontrou defensores em jornais que pugnam pelos direitos do povo e pregam a liberdade. A palavra república fascinou-os, e não viram que este chefe de república é nem mais nem menos o que eles

¹⁴¹ «Les expéditions lointaines», *Revue contemporaine*, julho-agosto de 1865, p. 345. Alphonse de Calonne (1818-1902), homem de letras e crítico literários francês, funda em 1852 a *Revue contemporaine*. Legitimista, opõe-se à Segunda República (1848-1851) e acaba por apoiar Napoleão III.

abominam, a saber: um governante hereditário, sem controle nem travões, que reúne nas suas mãos todos os poderes, que concentra nele todo o Estado, ainda mais do que Luís XIV, como estes pequenos reis africanos, dos quais conta-se de vez em quando as horríveis façanhas.

e) A guerra relâmpago falhou

Alexandre Peÿ é também muito crítico para com o chefe de Estado paraguaio¹⁴² que parece «ter prazer em multiplicar os seus inimigos», atacando a Argentina. O plano de Solano López, é de derrubar Mitre, substituindo-o com «um presidente disposto a ajudá-lo na luta contra o Brasil», mas ser-lhe-á quase impossível concretizá-lo, afirma o jornalista francês. Este, tal como Laurent-Cochélet¹⁴³, prevê uma derrota completa perante a coalizão formada pela Argentina, o Brasil e o Uruguai:

O Paraguai vai ser atacado em vários pontos ao mesmo tempo, e os navios brasileiros já sobem o Paraná com tropas que abrem o caminho ao exército argentino que, em breve, sob a sua proteção, vai atravessar este rio e entrar no território inimigo. É impossível que López possa resistir às forças aliadas. O Brasil vai utilizar a sua

¹⁴² PEŶ, Alexandre, «Chronique politique», *Revue contemporaine*, maio-junho de 1865, p. 585.

¹⁴³ MONICO, Reto, «Olhares francófonos sobre as origens da guerra», in ALVES, Francisco das Neves (org). *A Guerra do Paraguai no Rio Grande do Sul e em outros ensaios*. Lisboa/Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, 2020, p. 153.

vitória para estabelecer no Paraguai um governo honesto e liberal; apesar de tudo o que se tem dito, esta é a sua única ambição.

A 22 de julho Ernest Dottain faz algumas considerações gerais sobre este conflito. O Paraguai, com as decisões já tomadas, teve tempo de se preparar para esta guerra e tiveram a vantagem da ofensiva, como se viu em Corrientes e no Rio Grande do Sul, mas o seu progresso não foi tão rápido; penetraram na província argentina, mas tiveram de sofrer baixas com o ataque do general Paunero a 25 de maio:

Como já vimos, o vigor do seu ataque deu a vantagem aos paraguaios. No entanto, apesar da retirada forçada do general Paunero [em Corrientes], não fizeram aqueles progressos decisivos que representariam para eles a única verdadeira oportunidade de vitória. É verdade que atravessaram o rio Santa-Luzia e que ocuparam Goiás; mas, nas margens dos rios, não conseguiram estabelecer nenhum posto militar importante, porque a esquadra brasileira destrói as suas baterias.

O redator do *Journal des Débats* realça o papel central da marinha brasileira numa luta que será principalmente fluvial nos rios Paraná, Uruguai e Paraguai. Nesse campo o Brasil tem uma grande vantagem porque tem uma «respeitável marinha de guerra».

Deixemos a última palavra a Laurent-Cochelet que, a 14 de agosto, lamenta que o presidente paraguaio tenha decidido utilizar a guerra e não o

desenvolvimento económico para fortalecer o seu país.
Se assim tivesse feito:

[...] não estaria agora envolvido numa guerra que esgota rapidamente e por muito tempo os recursos do país. Provocou esta guerra por ambição pessoal e empurrado pelos conselhos interessados de alguns lisonjeadores, para que possa solidificar ainda mais a sua potência arbitrária, mesmo sobre as ruínas sangrentas do seu pobre país. Só podemos desejar que a Providência possa libertar em breve o Paraguai do jugo funesto que o esmaga [...]



Fig. 5: Solano López (*L'Illustration*, 19 de novembro)

Breve nota final

Como vimos, a imprensa francófona dedica vários artigos à ofensiva desencadeada por Solano López. Devido à distância, as notícias chegam ao Velho continente com um atraso de dois meses após principais acontecimentos. Podemos, no entanto, afirmar que os leitores francófonos europeus dispõem duma informação relativamente completa sobre os factos desta primeira fase da Guerra.

Pereira da Silva¹⁴⁴ resume a opinião da imprensa de alguns países perante esta guerra. Na Inglaterra, que quer «a paz e a tranquilidade para os seus interesses comerciais», quase todos os jornais estão do lado do Brasil e reconhecem ao governo do Rio de Janeiro «o seu direito de intervir»; os órgãos de imprensa norte-americanos apoiam unanimemente o império brasileiro; na Alemanha, «inventam-se qualquer tipo de calúnias contra o Brasil»; em França, se alguns são «inimigos mortais do Brasil, vários jornais defendem-no com inteligência e energia».

É também o que conseguimos verificar neste trabalho. Relativamente ao período anterior que analisámos num nosso recente artigo¹⁴⁵, podemos afirmar que há muito mais críticas em relação à política do Paraguai e mais defensores da causa imperial. Por exemplo, quase todos os jornais aqui referidos condenam sem reservas os ataques ao Mato Grosso e a Corrientes. Uma maioria significativa antevê um longo

¹⁴⁴ Art. cit., p. 354-355.

¹⁴⁵ Art. cit., p. 152-153.

conflito com uma lógica, inevitável e dramática derrota do Estado guarani.

Porém, *L'Indépendance Belge* continua, pelo menos em parte, a reproduzir artigos extremamente positivos para com o Paraguai. Estes põem nomeadamente em evidência a sua força militar, sublinham os progressos realizados pelo regime e a simbiose entre o povo e o seu chefe.

Todavia, não podemos esquecer que, em 1865, todos os órgãos de imprensa que tratam da América do Sul, são quase exclusivamente dependentes das cartas e dos despachos que recebem das várias capitais, neste caso de Montevideu, Rio de Janeiro e Buenos Aires. As notícias transmitidas por essas fontes são, inevitavelmente, condicionadas, nomeadamente durante uma guerra, pela nacionalidade do correspondente. Por outras palavras, as várias redações não têm a possibilidade de averiguar as informações. Por conseguinte, as interpretações tornam-se de facto um pouco mais aleatórias. Aliás, muitos só transcrevem as cartas sem as comentar, como o *Journal de Genève* que, de facto, só dá a opinião do governo imperial.

Se os periódicos analisados neste texto, embora estejam maioritariamente do lado do governo imperial, não defendem todos a mesma opinião, o cônsul francês em Assunção, observador da vida na capital paraguaia, ataca sistematicamente o regime de Solano López. Este, na sua opinião, é um tirano ambicioso e implacável, sem piedade para o seu povo.

Como o nota, e com razão, Luc Capdevilla¹⁴⁶, o cônsul francês atribui toda a responsabilidade desta

¹⁴⁶ *Ob cit.*, p. 378, nota 3.

guerra ao chefe paraguaio, justificando desse modo a Tríplice Aliança. Não é o objetivo do nosso artigo de entrar neste debate historiográfico sobre as causas deste conflito. Limitamo-nos a sublinhar que, apesar desta opinião um pouco enviesada, o representante de Napoleão III em Assunção é uma fonte importante, sendo testemunha direta dos imensos esforços e sofrimentos de toda a nação paraguaia, cujo povo pagou um preço muito alto nestes cinco anos de guerra total e cujos efeitos ainda hoje se fazem sentir.

Periodicos consultados¹⁴⁷

Constitutionnel, Le (Paris)

Gazette de Lausanne

Illustration, L' (semanário, Paris)

L'Indépendance Belge (Bruxelas)

Journal de Bruxelles

Journal de Genève

Journal des Débats (Paris)

Presse, La (Paris)

Revue contemporaine (bimestral, Paris)

Revue des deux Mondes (bimensal, Paris)

Temps, Le (Paris)

¹⁴⁷ Todas as citações e as imagens são do ano de 1865.



COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação prenhe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE
AbERTA

Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE

ISBN: 978-65-89557-37-1



9 7 8 6 5 8 9 5 5 7 3 7 1